

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 103

R\$ 2,50

MARÇO 2002

MARIA



Por uma Terra sem males

NÃO HÁ PAZ SEM JUSTIÇA

INDÍGENAS EM DIÁLOGO

Missa da Terra-sem-Males

(Continuação)

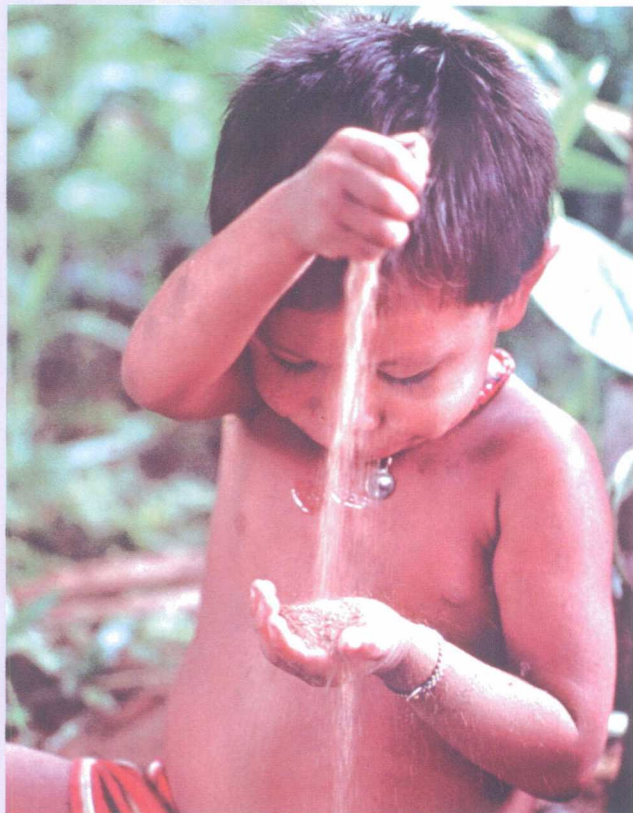


Foto: Rosa Gauditano - índios, primeiros habitantes.



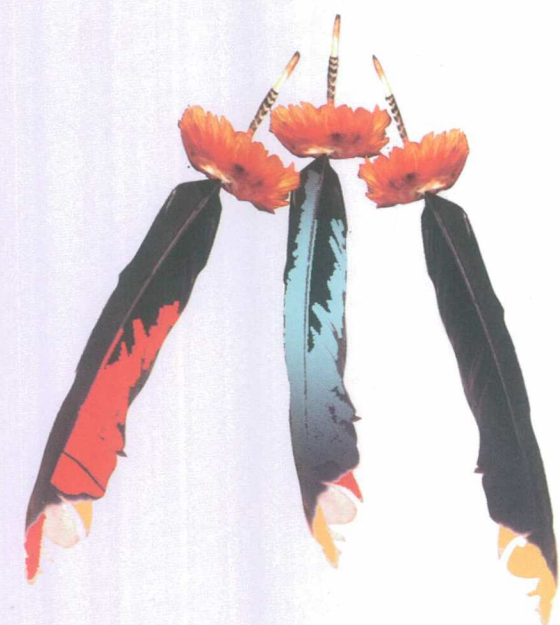
O mais, a História já o contou, bem ou mal. Os Museus exibem-no com sacrílega passividade. E os novos Impérios-nacionais e multinacionais- da cobiça da terra, madeira, minério e mão-de-obra barata- continuam a executá-lo, perante os olhos impassíveis da Civilização Ocidental Cristã.

Verdade é que a última palavra ainda está por dizer:

*“América Ameríndia,
ainda na Paixão:
um dia tua Morte
terá Ressurreição!”*

(Continua no próximo número)

D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT.





Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares.

Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal

1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria.

Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP

- Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do

ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque

pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado

em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das

idades é visitada por nossos representantes, que

renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as

renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP;

Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara,

SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP;

Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG;

Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG;

Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP;

Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia

Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

Preparar-se para uma terra sem males

Nem bem acabaram as folias de Carnaval e já há preparativos para a Páscoa. Nas lojas e supermercados, as ofertas de presentes de Páscoa são abundantes em variedade e quantidade. Os tradicionais ovos e coelhos de chocolate, apresentados com embalagens chamativas em formas e coloridos, superam em muito nossa imaginação. Certamente, o propósito é tornar a vida mais doce, mas preparando o mercado para obter mais lucro. Montanhas de presentes confundem essencial com supérfluo.

Mas a religião também se prepara para a Páscoa. Só que com objetivo inverso, abster-se do supérfluo. Na Quaresma, faz-se jejum de algumas coisas para exercitar o domínio sobre si mesmo e, com isso, perceber que existe também doçura no viver o amor ao próximo.

Na verdade, se quisermos ter um mundo melhor e uma terra sem males, precisamos nos dispor a partilhar. Desde o conhecimento do mundo que nos cerca e da história em que estamos tomando parte, até o compromisso de viver uma vida nova. Chamamos a isso de passagem – páscoa.

Neste número, a *Ave Maria*, na Palavra do Papa: “Não há paz sem justiça” (p. 6), vemos a importância de nos prepararmos para uma terra sem males – sem terrorismo e sem conflito armado – impondo-nos práticas eficientes de compromisso com a justiça e de disponibilidade para o perdão. Justiça, para o Papa, é “respeito à dignidade das pessoas e dos povos com a distribuição equitativa dos benefícios (renda)”.

Na Campanha da Fraternidade 2002, preparar-se para uma terra sem males, é despir-se de preconceitos contra os índios, permitir-se descobrir seus valores de profunda humanidade que existem em suas culturas; é comprometer-se com eles na passagem – páscoa – para nova mentalidade que resgate direitos, dignidade, respeito, liberdade, terra, vida de filhos e filhas de Deus tanto quanto buscamos para nós.

É neste sentido que o indígena mexicano padre Eleazar López Hernández em seu discurso: “Índigenas em diálogo com a humanidade” (p.8), alerta-nos para a perversidade do sistema que mercantiliza tudo, até os humanos, colocando o mercado acima das pessoas. Convoca-nos a “ser, com Deus, co-criadores e co-formadores de um novo cosmos”.

“Um outro mundo é possível” (p.12), é o artigo do Frei Betto onde ele descreve as propostas do Fórum Social Mundial, de Porto Alegre. A realidade conflitiva e tão desrespeitosa à vida que ocorre no século atual “obriga-nos a refletir e encontrar uma saída onde o bem comum se sobreponha aos interesses privados, os direitos humanos à ambição do lucro, o bem-estar social ao monetarismo ortodoxo”.

A Páscoa, de verdade, é um cotidiano e contínuo exercício para um mundo humano mais digno e mais justo. Porém, para envolver-se nesse movimento pascal, é preciso banir o imobilismo ideológico que distorce a expressão *dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus...*; não pactuar com a irresponsabilidade do “deixa estar pra ver como é que fica...”; abandonar a cega complacência religiosa do “Deus quis assim...”; deixar o corrupto poder do pensamento político do “tirar vantagem em tudo...”.

Antes de erguer-se como glorioso e ressuscitado, Jesus precisou abrir os braços, assumir o sacrifício do amor e ser pregado na cruz, mas, para isso, preparou-se, arregaçou as mangas, ergueu o próximo prostrado e erradicou da terra os males.

P.C.G.

Pastoral da criança



Brasília, DF, 28/2. A Pastoral da Criança (CNBB) divulgou os dados mais recentes referentes à atuação de mais de 154 mil voluntários em todo o Brasil. Os números correspondem ao 3.º trimestre de 2001 e revelam que a Pastoral da Criança acompanha 1.621.251 crianças menores de 6 anos e 77.802 gestantes que vivem em bolsões de pobreza e miséria, tanto rurais quanto urbanos. São acompanhadas 1.123.942 famílias em 32.903 comunidades organizadas em 3.480 municípios de todos os estados brasileiros. A mortalidade infantil na Pastoral da Criança é de 13 óbitos no primeiro ano de vida para cada mil nascidos vivos! Segundo o Relatório da Situação da Infância Brasileira 2001 do Unicef, em 1999 a mortalidade infantil no País foi de 34,6 mortes no primeiro ano de vida para cada mil crianças nas-

4 ave-maria março/2002

cidas vivas. Este é um dos muitos resultados alcançados por essa imensa rede de solidariedade espalhada por todo o Brasil que, a partir de uma mística cristã de fé e vida, procura participar da construção de um mundo mais justo e fraterno, levando vida em abundância para essas crianças, afirma dra. Zilda Arns Neumann, médica pediatra e sanitária, fundadora e coordenadora nacional da Pastoral da Criança. Em recente assembleia anual, coordenadores da Pastoral da Criança de todos os 26 estados do Brasil e do Distrito Federal reunidos em Curitiba, Paraná, de 6 a 12 de dezembro de 2001, definiram diretrizes para capacitações em ações básicas de saúde, nutrição, educação da criança na família, educação para a paz e cidadania de seus voluntários que atuam em 5.178 paróquias de todas as dioceses do país.

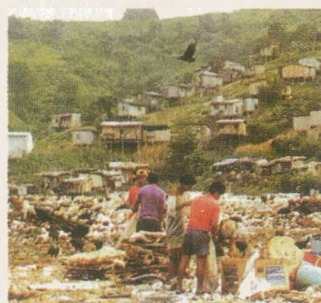
Fórum Social Mundial

Porto Alegre, RS, 5/2. “Um outro mundo é possível” foi o tema da segunda edição do Fórum Social Mundial, FSM, realizado em Porto Alegre, RS, de 31/1 a 5/2. Dezenas de milhares de pessoas, provenientes de 131 países, 16 mil delegados, milhares de ONG’s, entidades, movimentos sociais, associações, igrejas, partidos, en-

fim, uma ampla representatividade em âmbito nacional e internacional marcou presença em atividades distribuídas por dez localidades da capital gaúcha. O FSM é mais que um espaço aberto ao diálogo e ao debate. Além de um encontro de intercâmbio entre pessoas e idéias, culturas e experiências, o evento significa um caminho aberto para a construção coletiva de um modelo alternativo de sociedade. Seus participantes em uníssono, por meio das conferências, seminários e oficinas, levantam críticas contundentes à globalização neoliberal, modelo concentrador excludente, ao mesmo tempo que procuram apontar as vias para uma nova civilização: justa, solidária e fraterna. Uma civilização social e ecologicamente sustentável, plural, democrática e sem exclusão. Se o Fórum Econômico Mundial, em New York, preocupou-se, indiscriminadamente, com a exploração das riquezas acumuladas, dos recursos do planeta e do trabalho humano, em Porto Alegre a tônica das discussões foi a globalização da justiça, da solidariedade e da paz, num mundo recriado pela inteligência humana. Nesta perspectiva, a oficina organizada pela CNBB — Superação da Miséria e da Fome, com o lema *Alimento, dom de Deus, direito de todos* — representou um momento expressivo dos debates. As

mais de 750 oficinas, dezenas de seminários e conferências, os milhares de debates travados e a enorme diversidade de manifestações culturais fizeram de Porto Alegre a capital do pensamento político alternativo, em contrapartida ao chamado “pensamento único” e em perspectiva mundial. O FSM, tanto em sua primeira quanto em sua segunda edição, representa um verdadeiro sinal dos tempos. Sinal de que se pode dizer, alto e bom som, não em termos interrogativos mas afirmativos: um outro mundo é possível!

Crianças catam lixo



Curitiba, PR, 12/2. Em Curitiba e Região Metropolitana existem cerca de 400 crianças catadoras de lixo para um universo de 2.769 pessoas. Entretanto, segundo a procuradora do Trabalho e integrante do Fórum Estadual de Erradicação do Trabalho Infantil, Margaret de Carvalho, esse número não representa a realidade porque não existem dados oficiais sobre



isso. “Não há interesse em apurar o verdadeiro número”, explica. Diante de tantos problemas maiores, o Conselho Tutelar acaba deixando de lado o problema do trabalho irregular. Crianças que trabalham como catadoras de papel normalmente o fazem para ajudar os pais. Os catadores andam cerca de 50 quilômetros por dia e têm uma renda média que não passa do R\$100,00 por mês. Segundo Marli Florentino, presidente da Associação dos Coletores de Materiais Recicláveis de Curitiba e Região Metropolitana, Associcar, uma criança consegue ganhar cerca de R\$80,00 por mês, e ainda corre o risco de ter graves problemas de coluna por carregar carrinhos que podem chegar a 300 quilos.

Reconstruir a Argentina

Buenos Aires, Argentina, 13/2. O 36.º Curso organizado para reitores das Universidades Católicas Argentinas terminou com uma declaração de “compromisso” para “reconstruir a nação a partir do campo educativo”. A iniciativa foi organizada pelo Conselho Superior da Educação Católica, Consudec, que é liberado pelo jesuíta Hugo Salaberry.

Participou dos trabalhos, entre outros, também d.

Giuseppe Pittau, jesuíta, secretário da Congregação para a Educação Católica. “Liberdade de ensino e libertação do potencial educativo argentino” é o princípio sobre o qual deve se apoiar um maior compromisso social da escola católica.

Durante os últimos meses, a Consudec, por meio do presidente, pe. Salaberry, jesuíta, interveio várias vezes em relação à situação social e política, sublinhando com força a necessidade de uma reconstrução moral do país que se apóie em consistentes investimentos no setor educativo, escolar e formativo.

Cristãos contra a fome

Kinshasa, Rep. Dem. do Congo, 12/2. Associações e grupos de Kinshasa, que se inspiram na espiritualidade de S. Vicente de Paulo, iniciaram dois projetos na capital da República Democrática do Congo, em resposta à fome que assola o país. O primeiro projeto prevê a construção a curto prazo de um centro profissional para ensinar agricultura e zootecnia. A segunda iniciativa é o convite a cada sócio a economizar toda semana 50 centavos, o preço do pão necessário para cada dia. A soma que se recolherá será destinada à compra de pão para distribuir aos famintos.



A IGREJA NO MUNDO Notícias	4
PALAVRA DO PAPA Não há paz sem justiça	6
CAMPANHA DA FRATERNIDADE Fraternidade e os povos indígenas Por uma Terra sem males	7
Indígenas em diálogo com a humanidade Eleazar López Hernández	8
FÉ E CIDADANIA Família em alta Pe. Zezinho	10
Cultura do descartável J. B. Libânio	11
Um outro mundo é possível Frei Betto	12
Girassóis Elias Leite	13
PAZ NA TERRA Assis: cidade-paz	14
FÉ E CIDADANIA Direitos humanos no mundo: visão de um jesuíta Francisco Gomes de Matos	16
HISTÓRIA DA IGREJA Século XXI: desafio para a Igreja Ronaldo Mazula	18
REFLEXÃO BÍBLICA Maria na Bíblia Geraldo Araújo Lima	20
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ Rosa de Viterbo e Benedito Ronaldo Mazula	21
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR Senhora do Desterro Roque Vicente Beraldi	23
MEU LAR Quando o assunto é livrar-se de... Wimer Botura Jr.	24
CULINÁRIA Yvone Barros Oliveira	25
PARA REZAR BEM OS SALMOS Todo o ser vivo louve ao Senhor José Fonzar	26
LITURGIA DA PALAVRA De 28 de abril a 19 de maio de 2002 Adelino Dias Coelho	28
TURMA DA MAÍRA Tina Glória	33

Não há paz sem justiça

Principais trechos do discurso de João Paulo II por ocasião do dia de oração pela paz, em Assis, Itália, em 24 de janeiro:

"Encontramo-nos aqui como representantes das várias religiões, para nos interrogarmos diante de Deus, sobre nosso compromisso pela paz, para lhe pedir perdão, para dar testemunho de nosso anseio conjunto por um mundo mais justo e solidário.

Queremos oferecer nossa contribuição para afastar as nuvens do terrorismo, do ódio, dos conflitos armados, nuvens que, nestes últimos meses, adensaram-se de modo particular no horizonte da humanidade. Por isso, queremos ouvir-nos uns aos outros. Já isto — sentimo-lo — é um sinal de paz. Nele há já uma resposta às inquietadoras interrogações que nos preocupam. Já isto serve para dissipar o nevoeiro da suspeita e da incompreensão... As trevas não se dissipam com as armas; as trevas afastam-se acendendo faróis de luz...

A paz! A humanidade tem necessidade da paz sempre, mas ainda mais agora, a seguir aos trágicos acontecimentos que abalaram a sua confiança e diante dos insistentes focos de conflitos dilacerantes que têm o mundo em apreensão. Na *Mensagem* de 1º de janeiro passado, realcei os dois "pilares" sobre os quais a paz está assente: o compromisso pela justiça e a disponibilidade ao perdão.

Justiça, em primeiro lugar, porque não pode haver paz verdadeira, senão no respeito da dignidade das pessoas e dos povos, dos direitos e dos deveres

de cada um e na distribuição equitativa dos benefícios e das responsabilidades entre os indivíduos e a coletividade. Não se pode esquecer que as situações de opressão e de marginalização estão, não raro, na origem das manifestações de violência e de terrorismo. E depois também o *perdão*, porque a justiça humana está exposta à fragilidade e aos limites dos egoísmos



Foto: rev. popoff

dos indivíduos e dos grupos. Somente o perdão cura as feridas dos corações e restabelece profundamente as relações humanas conturbadas.

É necessário ter humildade e coragem para percorrer este itinerário. O contexto do encontro do dia de hoje, ou seja, o do diálogo com Deus, oferece-nos a oportunidade de confirmar que em Deus encontramos a união eminente da justiça e da misericórdia. Ele é sumamente fiel a si mesmo e ao homem, até mesmo quando o ser humano se afasta dele. É por este motivo que as religiões estão a serviço da paz. É a elas que pertence, e sobretudo aos seus líderes, a tarefa de difundir no

meio dos homens do nosso tempo uma renovada consciência da urgência de construir a paz...

É urgente que as pessoas e as comunidades religiosas manifestem a mais clarividente e radical rejeição da violência, de toda a violência, a partir daquela que pretende disfarçar-se como religiosidade, fazendo apelo até mesmo ao sacrossanto nome de Deus para ofender o homem. Em última análise, a ofensa contra o homem é ofensa a Deus. Não existe finalidade religiosa que possa justificar a prática da violência do homem sobre o homem...

Se a paz é dom de Deus e tem nele a sua fonte, onde é que é possível encontrá-la e como é que podemos edificá-la, senão numa relação íntima e profunda com ele? Por conseguinte, construir a paz na ordem, na justiça e na liberdade exige o compromisso prioritário da oração, que é abertura, escuta, diálogo e, finalmente, união com Deus, nascente originária da verdadeira paz.

Rezar não significa evitar a história e os problemas que ela apresenta. Pelo contrário, significa enfrentar a realidade não sozinhos, mas com a força que provém do alto, o poder da verdade e do amor, cuja verdadeira fonte se encontra em Deus. Diante das ameaças do mal, o homem religioso sabe que pode contar com Deus, absoluta vontade de bem; sabe que lhe pode dirigir a sua oração para obter a coragem de enfrentar as dificuldades, até mesmo as mais difíceis, com responsabilidade pessoal, sem ceder a fatalismos ou a reações impulsivas."

João Paulo II



Fraternidade e os povos indígenas

Por uma Terra sem males

Demos início no mês passado à apresentação resumida do texto base da Campanha da Fraternidade 2002, para um maior conhecimento de seu conteúdo e propostas rumo a uma sociedade mais humana e justa.

É preciso acentuar a diferença de postura da Igreja do passado e de hoje, graças aos novos conhecimentos antropológicos, mas especialmente pela abertura dada pelo Concílio Vaticano II e, no Brasil, pelos documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e *Ecclesia in America* (Igreja na América). No passado, apesar de os missionários defenderem os índios, houve também gritantes ambigüidades que permitiram o apoio à colonização, com suas conseqüências. No livro *História da Amazônia*, lemos, por exemplo o seguinte: *Eis as três instâncias que conquistaram a área amazônica para o sistema mundial: os soldados com seus fortes (casas fortes, fortalezas), os comerciantes com suas feitorias e os padres com suas aldeias de índios. O soldado fechava o caminho para os concorrentes de outras nações européias, o comerciante abria o caminho para a exportação e o padre segurava a mão-de-obra.*

A diferença de atitude e de modo de evangelização se explicita por uma presença solidária e comprometida da Igreja do Brasil, por meio de seus missionários, às grandes e urgentes causas dos povos indígenas: • Luta pela terra; • Apoio ao movimento indígena; • As alianças fiéis e o compromisso de defender e promover a vida dos povos indígenas; • O esforço na formação a serviço da autonomia dos povos indí-

genas; • O diálogo intercultural e inter-religioso; • O incipiente trabalho com os índios da cidade.

O trabalho missionário e pastoral junto aos povos indígenas é pautado pelos ensinamentos do Evangelho, o que se busca é a vida plena, que somente se conquista com um diálogo respeitoso e com o engajamento nas lutas concretas de cada comunidade. Há, no entanto, comunidades indígenas cristãs, para as quais os missionários prestam atendimento religioso. É um trabalho imenso de evangelização, estudo e reflexão sobre a palavra de Deus, catequese inculturada, celebração dos sacramentos, pastoral da saúde e outras atividades, de acordo com cada realidade.

É necessário ressaltar o trabalho sacrificado de centenas e centenas de missionários e missionárias nas áreas indígenas que, longe de todo o conforto das cidades, convivem entre os índios, levando a Boa Nova a todos os povos. Muitas vezes testemunham o amor e re-


afirmam seu compromisso com os índios em meio a perseguições e ameaças.

É de fundamental importância abordar com senso crítico as principais questões que afetam hoje os povos indígenas. Não basta dizer que, das 771 terras indígenas, 68% não têm o procedimento de demarcação concluído, e que 178 delas sequer foi iniciado. Não basta falar das omissões escandalosas na área da saúde indígena, na terciarização da assistência, das barbaridades da política indigenista brasileira, da falta de combate às epidemias, dos massacres, se não se apontam as causas de tudo isso. Todos esses problemas precisam ser analisados, identificando suas grandes causas.

A reflexão sobre a Fraternidade e povos indígenas tem a finalidade de:

- Permitir o conhecimento mais amplo da vida e dos povos indígenas, os modos de pensar, a sabedoria de suas culturas, os valores evangélicos vividos em seu cotidiano, para tornar possível a partilha desses valores e dessa sabedoria, aprendendo com eles a valorização da pessoa humana e de toda forma de vida;

- Possibilitar o envolvimento das comunidades, igrejas locais, paróquias, famílias, na luta pela demarcação e garantia das terras indígenas e pela aprovação de um Estatuto para os povos indígenas que leve em conta suas necessidades, propostas e expectativas. Apoio que pode se manifestar concretamente em campanhas, manifestações, participação em atos, mobilizações, entre outras formas de colaboração.

(Continua no próximo número). 

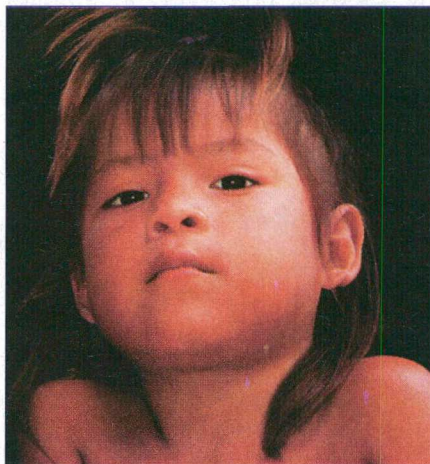


Foto: Antonella Bozzini (rev. Mundo e Missão)



Fotos Antonella Bozzini (Rev. Mundo e Missão)

Indígenas em diálogo com a humanidade

As culturas indígenas ressituaam os valores humanos

Eleazar López Hernández

Os povos indígenas da América e do mundo fomos nos últimos 500 anos completamente desconhecidos das sociedades dominantes: ninguém nos via, ninguém nos ouvia. Não olhavam nosso rosto, não lembravam de nosso nome nem o mencionavam. Mas, ultimamente, tem-nos vindo a cabeça o *ser indígena* e por isso temos rompido os cenários públicos tal qual somos, com nosso rosto e coração próprios, com nossa palavra milenária. Os povos indígenas do mundo somos os descendentes e herdeiros do sangue e da cultura dos habitantes originários da terra; somos o vínculo mais seguro da população atual com suas raízes ancestrais. Os indígenas conservamos as semelhanças primeiras da espécie humana. Em nossas culturas se fala da sabedoria acumulada pelos séculos e milênios, que pode hoje ser referência privilegiada para abrir melhores caminhos de futuro para todos. No diálogo para a vida, os povos indígenas temos muito que contribuir e muito que receber.

QUANTOS INDÍGENAS EXISTEM?

A população indígena mundial nem sequer tem sido contada com veracidade. Os que fazem os censos não sabem com que critérios definir quem é indígena e quem não é. Sendo assim, prevalecem estereótipos que nos equi-

param com indigentes e em consequência facilmente reduzem ou ocultam deliberadamente nosso número e porcentagem. Em vários países da América, tem sido afirmado inclusive que, graças a Deus, já não há indígenas, porque ao escolarizar-se, ao falar a língua nacional e ao migrar para as cidades nossa gente se fez invisível para as estatísticas oficiais.

Contudo, estudos sérios, que partem de critérios antropológicos culturais, reconhecem que no continente americano há, pelo menos, cerca de 50 ou 60 milhões de indígenas (cf. DEMIS-CELAM 1987, Banco Mundial 1990, Johnstone 1993); na África, habitam 15 milhões; nas ilhas do Pacífico Sul, Aus-

trália e Nova Zelândia, 16 milhões; na Ásia oriental, 67 milhões; na Ásia ocidental, 7 milhões; e no Sudoeste Asiático, 80 milhões. (cf. Revista IWGIA, 1990). De modo que estamos falando de um total de cerca de 250 milhões de pessoas, em uma gama enorme de povos que se movem com esquemas de vida enraizadas em trabalhos culturais e espirituais anteriores à globalização atual. Uma quantidade e variedade humana que não são insignificantes.

Imagem distorcida dos indígenas

Em muitos países, sobretudo no chamado Primeiro Mundo, tem-se uma imagem distorcida dos indígenas. Por exemplo, os Estados Unidos da América com respeito ao México, pensam que os do Sul somos uns "chapeuzudos" apáticos, que nos sentamos de baixo de uma sombra sem nos importar com nada do que passa a nosso redor. Consideram-nos seres conformistas, acham que para nós calor e frio são a mesma coisa, a comodidade e a penúria, o dia e a noite, morrer ou viver.

Nada disso é verdade. É uma caricatura ideologizada de nosso ser. Os indígenas somos diferentes dos demais grupos humanos e temos razões em nossa história, em nossas raízes ancestrais, para nos mantermos diferentes. Nossa alteridade não foi compreendi-

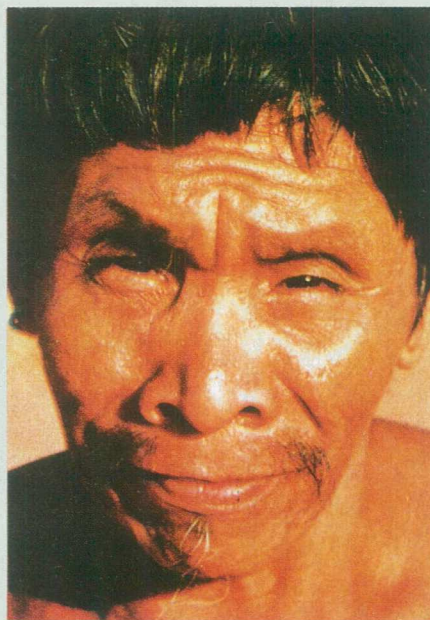


Foto: Revista Popóli

da e, por isso é rechaçada em quase todos os âmbitos sociais, e considerada força desagregadora do conjunto. Todavia, somos a parte mais profunda das sociedades nacionais, mesmo não tendo sido incorporados com orgulho e dignidade nos projetos das nações. Por isso, mantermo-nos diferentes tem sido um ato de afirmação de nossa identidade negada e a exigência, ante os demais, do reconhecimento de nossos direitos coletivos.

Indígenas, homens e mulheres de palavra

Nós, os indígenas sabemos falar, e o fazemos com seriedade. Sempre o fizemos porque somos homens e mulheres de palavra. Sabemos que a palavra é a essência do ser indígena e do ser humano em geral. Somos fruto da palavra divina e da palavra de nossa comunidade. Juntos, construímos o consenso, a palavra comunitária e logo a debulhamos como se debulham os grãos de milho, para comunicar nossa experiência humana. Falamos para levar ao outro nossa palavra, mas também sabemos calar para escutar a palavra do outro.

As formas indígenas de vida, ainda que pareçam primitivas e arcaicas, contêm valores que se referem a realidades fundamentais de nosso ser humano: o lugar supremo que ocupa a vida natural, animal e humana, o espírito comunitário com que homens e mulheres, velhos, adultos e crianças constroem e vivem o bem comum, a inter-relação com o mundo transcendente do sagrado, os espíritos e os mortos que dão sentido pleno à existência humana. Estes valores humanos estão sendo apagados do sistema educativo com que se formam as novas gerações para o mundo do mercado globalizado. Por isso, as culturas indígenas podem construir e pôr em seu lugar esses valores da humanidade.

Indígenas, valentes opositores ao neoliberalismo

Os povos indígenas foram os primeiros a tratar de forma séria o assunto da globalização neoliberal. As organizações indígenas independentes, os organismos não-governamentais de Direitos Humanos e os servidores pastorais das comunidades indígenas nos esmeramos por muitos anos pesquisando o sentido e a transcendência da dita globalização e suas implicações nas comunidades. Não é a modernidade em si mesma o que mais nos preocupa, pois os povos indígenas não tememos a modernidade.

Na história passada, nossos avós souberam construir modernidades e globalizações de grande envergadura. A Mesoamérica, por exemplo, como categoria antropológica é o resultado de uma transformação globalizante e modernizadora nunca antes conhecida. Do nomadismo, os povos que viviam desde o Sul do que agora é os EUA até o norte do Panamá passaram à civilização urbanística a partir da agricultura do milho, durante mais de mil anos: 500 anos antes de Cristo e 800 depois de Cristo. Os astecas, com sua tecnologia das chinampas, o comércio distante e sua concepção da guerra, implementaram no Anáhuac mexicano uma modernidade grandiosa. O mesmo fizeram os Incas nos Andes, e os Guaranis no Cone Sul, sem falar dos Maias na Península de Yucatán e na Guatemala com sua sabedoria do tempo, do espaço e das matemáticas. A modernidade e o progresso não são inimigos dos povos indígenas. Mas a injustiça com que esta modernidade se constrói é que é sua inimiga. E ante a injustiça, nossos povos souberam reagir profundamente não só agora, mas em toda sua história.

Diante dos tratados de livre comércio

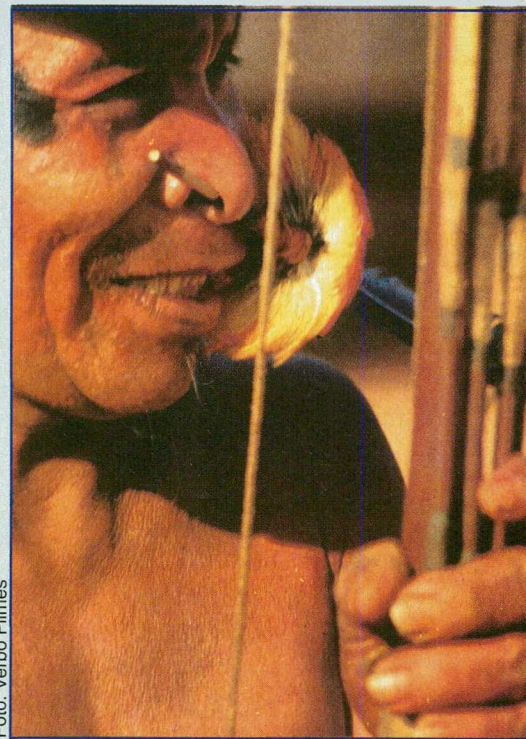


Foto: Verbo Filmes

cio e os macroprojetos modernizadores, os povos indígenas perceberam de imediato não a bondade de um planejamento globalizador que nos viria resolver os problemas de miséria e humilhação, senão a voracidade sem piedade de um modelo social que, depois de nos haver despojado de nosso capital básico, construído pela terra e seus recursos naturais, agora atinge o pouco que nos ficou. Trata-se de um sistema que enfatiza a mercantilização de tudo e a privação do valor humano, pois põe o mercado por cima do ser humano. Isto o dizemos desde os finais dos anos 80 e mais intensamente no princípio dos anos 90. Mas ninguém do poder fez caso de nós. A globalização se impôs, apesar das vozes indígenas e não-indígenas que iam contra. Não havia alternativas, argumentaram seus defensores.

Nunca mais um mundo sem nós

O lema zapatista no sudeste mexicano tem sido: "Nunca mais um Méxi-

co sem nós". Os indígenas de além-fronteiras têm afirmado o mesmo, mas em seus próprios contextos: "Nunca mais um mundo sem nós". É um lema aglutinador da resistência dos pobres e excluídos do neoliberalismo mundial. Todas e todos nós temos consciência de que somos uma mesma e grande família, que não pode ver impávida invadir seu lugar, profanar sua casa, privar-nos dela e construir um "mall" ou um mercado enorme onde não existe lugar para nós. Para os que não são indígenas, apertar hoje a mão do indígena, mediante um diálogo de culturas, é retornar às primeiras origens da humanidade para construir juntos o futuro desejado por todos sobre bases sólidas, que dêem uma consistência e resistência aos embates do tempo provocados pelos povos originários.

Conclusão

Estamos hoje em um tempo especial que dá possibilidades para que as utopias indígenas fecundem a humanidade e façam acontecer um novo amanhecer da vida. O Espírito de Deus e o espírito humano seguem evocando sobre o caos da modernidade atual na espera de homens e mulheres que, junto com Ele/Ela, sejamos co-criadores e co-formadores de um novo cosmos, de uma Terra sem males ou da Casa grande para todas e todos. Os indígenas percebemos claramente estes sinais dos tempos e, ainda com o risco de ser rechaçados, pomos à disposição dos demais irmãos e irmãs do planeta, em um diálogo amplo intercultural e inter-religioso, as sementes de humanidade que viemos guardando nas roupagens de nossas culturas ancestrais.

Eleazar LÓPEZ é um sacerdote, Índio zapotec, do México, um dos mais fecundos escritores e organizadores da chamada "Teologia indígena" (não sobre ou para os indígenas, mas dos indígenas mesmo e feita por eles). É membro do CENAMI, Centro Nacional de Ajuda às Missões, organismo da Conferência Episcopal Mexicana, semelhante ao CIMI brasileiro.

Família em alta

Pe. Zezinho

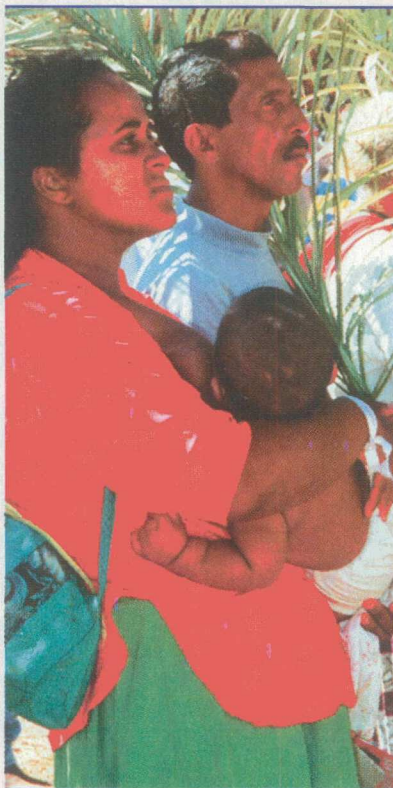


Foto: Avellino de Godoy

Eles não me deixam mentir. O número de gente que escreve e canta sobre família, de religiões que se ocupam da família, de emissoras de rádio e televisão que se intitulam "a rádio da família", de igrejas que se proclamam "igreja da família", de cantores que se apresentam como o cantor, a cantora das famílias e de álbuns, revistas e livros que adotam o título "da família", mostram que a família está em alta.

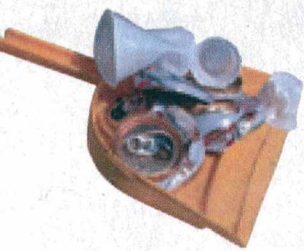
Numa só semana notei três restaurantes com o sub-título: "O restaurante da sua família". Lojas, oficinas, bares, praças, até pipoqueiros da família mostram que existe hoje uma necessidade de falar desta comunidade tão agredida que é a família. O mundo acordou para esta necessidade. Quando compus a música "Oração pela Família" em 1990 não imaginei que seria tão cantada no mundo inteiro. Achei-a comprida demais e

pensei que seria boa apenas para ouvir; o povo não a decoraria. Pois, decorou e cantou! Quem melhor sintetizou a questão foi uma professora aposentada que trabalhou mais de 50 anos com crianças e jovens: — Sua canção veio no tempo certo e do jeito certo. O que o mundo está precisando ouvir é que família é um bem que não se joga fora.

Uma das razões pelas quais vejo tanta gente assumindo a pregação sobre a família é mais do que óbvia. Não dá para elogiar a beleza ou a segurança de uma cidade, onde metade das casas foi mal construída ou já ruiu. Hoje em dia, em alguns países ricos e de belíssimas casas, de cada três lares um não deu certo. Se temos que ter uma família e um lar, então que seja algo bem planejado, bem amado, bem estruturado, bem perdoado e bem protegido. Família é para ser uma só. O que vem depois é sempre correção de rumo, ou substituição para o que começou mal, ou não deu certo. É como erguer a casa dos sonhos e, meses ou anos depois, ter que abandoná-la, porque houve um erro na construção. Pior ainda, quando alguém namora um mês ou vinte dias e se casa, sob os aplausos da mídia, que, às vezes, preza mais o espetáculo do que o conteúdo moral de um ato. Uma casa, às vezes, leva mais tempo para ser erguida do que certos casamentos. O certo seria ir mais devagar com os sentimentos e mais depressa com os tijolos. No geral, porém, família é como obra de arte. Não se improvisa. Escolhe-se cuidadosamente o material e grava-se ou talha-se com o maior cuidado. Se é para durar, não pode ser feita na base do "gostei e quero você pra mim ainda esta semana".

Fico feliz por ver este surto de cuidado pela família no Brasil de hoje. Em alguns casos, como o da lojinha de objetos eróticos que curiosamente se intitula "da família" é puro *marketing*. Na maioria dos casos, é coisa séria e desejo de que as coisas mudem! É bonito e deve ser elogiado!

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.



Cultura do descartável

J. B. Libânio

A cultura é como um grande jogo. Entra-se nele conhecendo e praticando suas regras. Com os pés não se joga basquete. Os toques de mão, exceto por parte do goleiro, são proibidos no futebol. Se alguém se atrevesse a infringir permanentemente o código esportivo, tornaria-se um estranho no jogo.

Na cultura, sentimo-nos em situação semelhante. Os gestos, os comportamentos, os símbolos, os valores, os significados das realidades, as relações entre as pessoas e as coisas desenvolvem-se aparentemente na espontaneidade dos desejos e das vontades. Julgamos que decidimos e escolhemos exatamente o que queremos numa liberdade sem interferências externas. E esta sensação tende a crescer quanto mais avança a cultura pós-moderna.

Paremos para refletir. Há um emaranhado de regras assimiladas por nós de maneira consciente e inconsciente que nos regem os comportamentos. Somente dobrando-nos sobre elas e analisando-as, percebemos a sutileza escondida de tal teia de normas e registros a comandar-nos.

A cultura do descartável imiscui-se sorrateiramente no tecido de nosso cotidiano. Está a orquestrar-nos as ações. Num primeiro momento imediato e direto aparece na relação com as coisas. Às vezes, por razões sérias e necessárias. Assim, aquelas seringas de vidro, que eram fervidas para cada uso, cedem lugar para as descartáveis com muito maior segurança de higiene. No Hospital Einstein de São Paulo, os ter-

mômetros são descartáveis. Assim a onda vai atingindo cada vez bens de maior valor que antes faziam parte de patrimônios estáveis.

No Japão, assim me disseram, os automóveis são descartáveis depois de cinco anos. Em outros países proíbe-se a circulação de carros de mais de 7 ou 10 anos de fabricação. A arquitetura moderna sofre a mesma doença. Casas, prédios constroem-se na perspectiva de serem, dentro de alguns anos, destruídos e substituídos por outros. Preside a tal procedimento nem sempre o desejo da beleza, mas do lucro. O valor do terreno sobrepõe-se ao do prédio, ameaçando-lhe a permanência. Muita beleza colonial sucumbiu à febre descartável. Foi necessária uma consciência histórica mais forte para resistir a essa epidemia, conseguindo leis em defesa dos bens culturais antigos.

O descartável na relação com as coisas revela uma dupla face de nossa cultura atual. Positivamente permite que

tenhamos coisas melhores, mais funcionais, mais perfeitas. Assim destroem-se aquelas que já se tornaram trastes inúteis. No entanto, um lado negativo esconde-se nesse afã de progresso. Rege-o o critério do lucro. Conduz-nos a criar um clima de consumismo, de desperdício, de destruição de valores históricos culturais, da criação de desejos artificiais para fazer descer redondo pela garganta bens inúteis ou, pelo menos, supérfluos. É o lado terrivelmente comercial do descartável.

Mais grave ainda quando essa cultura atinge bens afetivos e espirituais. Os amores se fazem descartáveis no matrimônio. No primeiro momento em que apareça uma outra oferta melhor, mais bonita e atraente, desfazem-se os laços anteriores. As amizades navegam por sempre novos rios ao sopro dos gostos descartáveis.

Nada mais trágico do que amores descartáveis. Deixam de ser amor. É da natureza do amor, qualquer que ele seja, a perenidade, a eternidade. Mesmo que termine, quis ser nos seus inícios, perpétuo, definitivo. Se alguém dissesse: amá-lo-ei somente por alguém tempo, ninguém acreditaria nesse amor.

E ultimamente a religião vem sendo atingida por essa onda. Descartam-se verdades, dogmas, ritos, símbolos toda vez que alguém se defronte com outros melhores para seu sabor religioso. Tudo passa a ser transitório, passageiro. No fundo, resta o silêncio vazio da falta de valores absolutos. Se não reagirmos, soçobraremos num oceano de incertezas amargas e de realidades transitórias. Permanece o "inquieta está o nosso coração" na experiência de Santo Agostinho. Mas falta o resto da frase "até que descanse em Deus". E Deus se torna o provisório e não a meta definitiva e firme. Pobre humanidade!



Fotos: Eduardo Russo

J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Um outro mundo é possível

Frei Betto

O Fórum Social Mundial de Porto Alegre, agora em segunda edição, reúne e converge as atenções daqueles que reconhecem o fracasso do atual modelo de globalização. Segundo dados do Banco Mundial, somos 6,1 bilhões de pessoas no planeta, das quais 1,2 bilhão vivem abaixo da linha da miséria (renda mensal inferior a US\$ 30) e 2,8 bilhões abaixo da linha da pobreza (renda mensal inferior a US\$ 60).

Para João Paulo II, este modelo de globalização agrava as desigualdades entre as nações e penaliza os pobres. Hoje, 80% da produção industrial do mundo é absorvida por apenas 20% da população da Terra. E quatro cidadãos dos EUA — Bill Gates, Larry Ellison, Warren Buffett e Paul Allen — possuem, juntos, fortuna superior às riquezas de 42 nações com 600 milhões de habitantes.

O livre mercado resultou em guerras; o receituário do FMI empobrece a América Latina e leva a Argentina à falência, obrigando o Brasil a sofrer uma sangria mensal de US\$ 2 bilhões; o desemprego tornou-se crôni-

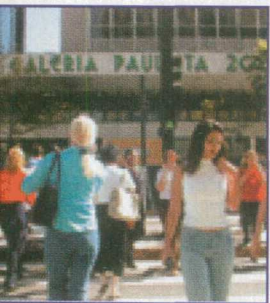
co; o socialismo faliu no Leste europeu. São fatores que nos obrigam a refletir sobre o estado atual do mundo e a encontrar uma saída, através da qual o bem comum se sobreponha aos interesses privados, os direitos humanos à ambição de lucro, o bem-estar social ao monetarismo ortodoxo que estabiliza moedas e desestabiliza populações.

Cerca de 60 mil participantes provenientes de uma centena de países estiveram em Porto Alegre, interessados nas grandes conferências matutinas e em mais de 800 seminários e oficinas, em torno de múltiplos temas, que deram conteúdo ao 2º Fórum Social Mundial. A prioridade não é contrapor-se ao Fórum Econômico Mundial, transferido de Davos para Nova York, nem denunciar os desacertos gritantes do atual modelo de globalização, mas abrir pistas de esperança, a partir de experiências concretas, rumo a um novo modelo de sociedade sustentável, solidária, centrada na defesa dos direitos humanos e dos recursos da Terra.

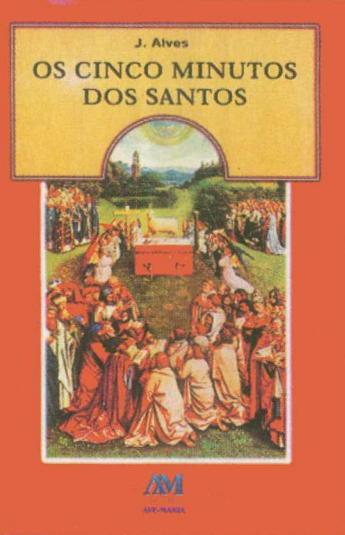
A grande vantagem do amplo ecumenismo deste fórum de debates é que sobre ele não recai nenhuma camisa-de-força ideológica ou comando partidário. Ele difere de Seattle ou Gênova por não pretender ser uma manifestação de protesto. É um rico laboratório, no qual as mais variadas expressões artísticas se somam a temas como ética, espiritualidade e relações de poder e agricultura familiar, reforma agrária e alternativas de desenvolvimento.

Em Porto Alegre naufraga a ditadura do pensamento único e irrompe a certeza de que sonho que muitos sonham transforma-se em realidade.

Frei Betto é escritor, autor de "A Obra do Artista uma visão holística do Universo" (Ática), entre outros livros.



Fotos: Eduardo Russo



Você precisa conhecer esse livro do teólogo J. Alves, Editora Ave Maria, 2002. A impressão de um livrinho rápido de auto-ajuda logo se desfaz diante das 748 páginas de uma obra de fôlego e muito bem pensado. Contém breve histórico do santo do dia, o significado do nome, sua imagem representativa e uma oração. É um livro para a família, onde os mais apressados podem, ao menos, ler um pensamento, destacado em cada texto.

Chama a atenção a biografia de nosso pe. Cícero Romão Batista, no momento em que sua imagem é resgatada. E de outros, como: Madre Paulina, Frei Galvão, os Mártires do Brasil, Padre Anchieta, etc. Não são, portanto, somente os santos da antiguidade, repetitivamente elencados, mas também os de nosso tempo. Aliás, o livro é liturgicamente correto, apresentando solenidades, festas, memórias obrigatórias e vários títulos da mãe de Deus.

O mais importante, porém, são as palavras de alento, libertação interior, de louvor e esperança cristã, sempre baseados nas Sagradas Escrituras.

Preço R\$ 48,00

Pedidos (11) 3826-6111

Girassóis

Elias Leite

Num antigo mosteiro da Espanha, situado entre montanhas, cercado de bosques de *pinus* e alamedas de *avenaceas*, tendo em frente um largo espaço florido onde o colorido dos cantos lembrava caleidoscópios, vivia um bando alegre de noviças, de mistura com pássaros e borboletas azuis.

Dentro do sisudo casarão, onde longos claustros de pedras pareciam túneis, desfilavam os miúdos passos das religiosas, no cuidado de não assustar o silêncio nem desfazer a paz. O ambiente recendia bem-aventurança. E o espiritual circulava em preces. Havia um que de paraíso.

Mas, havia também recreações. Era o despertar da infância. Com a leveza na alegria do espírito e a Graça nos corações, as jovens se transformavam. Tornavam-se infantis na simplicidade do lazer. Brincavam.

Veza que outra, a madre mestra variava o folgado. Tornava-o pedagógico. Espiritualizava-o. E foi numa dessas, em manhã de maio, sentada num banco de pedra, frente a um horto onde floriam dourados girassóis, que a santa madre, cercada pelas noviças acomodadas na relva, teve curiosa inspiração.

Feita a prece inicial, ia ter lugar um colóquio recreativo. A madre passou um olhar de bondade pelo grupo, esboçou leve sorriso, e, com gesto suave apontou para o canteiro de girassóis. "Vejam, disse ela, os girassóis como louvam o Senhor! Cada dia, do nascer ao por do sol, sem sair da terra, suas belas corolas douradas acompanham o giro do sol pelo espaço do céu, sem deles se desviarem. Todo dia. Toda vida. E ao mesmo tempo, servindo as pessoas desprendidamente, sem perder o en-



canto! Assim a nossa vida deve ser, no seguimento de Jesus, o Sol divino! E apontava com o dedo, para o céu, traçando uma curva imaginária, imitando o trajeto das corolas amarelas.

E, passando à prática, voltou-se para uma das jovens que lhe pareceu absorpta, ou distraída: "Olha, filha, que riqueza! — e apontando os girassóis — são bandejas de lindas moedas de ouro voltadas para o céu. Borboletas e bezourinhos coloridos voejam em torno feito pérolas aladas. Nos seus ramos, passarinhos entoam as melodias de Deus. Tudo para o Senhor. É obra dele!".

E fitando as noviças, encantadas, aponta: "Você, irmã Flávia, vá lá, e

conte quantos são. E venha nos dizer. Também, colha um deles, para depositarmos aos pés da Virgem, no nicho da capelinha. Vamos, irmãzinha!".

A obediente noviça espantou-se da escolha e da esquisitice da ordem. Levantou-se depressa e foi. Minutos depois, voltava com a encomenda e a resposta: "cinquenta, Madre!".

A mestra sorrindo: "Não, minha filha, não apenas 50. Elas são na verdade, *sin cuenta* (sem conta)! Pois, as flores verdadeiras a gente não percebe. São centenas de florinhas miúdas que enchem o centro da corola de pétalas amarelas, e formam o chamado "capítulo", assembléia. E mostrava no círculo marrom. "Cada florzinha minúscula vai produzir uma semente, para novos girassóis ou heliantos. Vejam, parece uma flor enorme, mas concentra um conjunto delas, uma florescência. Tem beleza e grande utilidade para nós e os animais. Que maravilha! Não acham?".

Todas as cabeças se inclinaram levemente, afirmativas e admiradas. E a madre mestra concluiu: "Assim nós devemos ser. Seguir nosso Senhor, Sol da verdade. Acompanhá-lo do nascer até o poente de nossas vidas, mesmo que no "serviço" algo dourado apareça, não nos consideremos mais que "uma florzinha útil", solidária, unida, geradora de sementes de bondade e de amor, de justiça e de paz. Sejamos helantos de Deus, num servir comunitário e generoso. Não importa o tamanho. É assim".

Tocou três sinais o sino do claustro. Hora da recreação terminar. Todas as noviças se ergueram, em silêncio. As palavras da madre, na mente. Na alegria dos rostos, girassóis em flor.



Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Assis: cidade-paz

Foram necessários 860 jornalistas para cobrir o maior evento inter-religioso dos últimos 16 anos, quando o papa João Paulo II reuniu 300 representantes de 12 religiões. O encontro ocorreu no dia 24 de janeiro, em Assis, cidade natal de São Francisco, região italiana da Úmbria. Entre os convidados, estavam líderes cristãos católicos, protestantes, ortodoxos, representantes muçulmanos, judeus, budistas, hindus, jainistas, xintoístas, zoroastristas, confucionistas, animistas, entre outros.

A reunião foi a continuidade de um grande encontro, ocorrido em 1986, na mesma cidade, quando o Papa rezou pela paz com outros líderes espirituais. *Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão, é o que desejo lembrar aos que detêm os destinos das comunidades humanas,* declarou o Papa. *Não me cansarei de repetir esta advertência a todos os que, por uma razão ou por outra, cultivam dentro de si o ódio, o desejo de vingança e propósitos de destruição,* completou o pontífice.

Para o líder da Igreja Católica, as confissões cristãs e as grandes religiões devem colaborar entre si para eliminar as causas sociais e culturais do terrorismo, ensinando a grandeza e a dignidade da pessoa e incentivando a humanidade. *Trata-se de um campo concreto do diálogo e da colaboração ecumênica e inter-religiosa, colocando as religiões a serviço da paz entre os povos,* enfatizou.

A paz entre os homens e entre os povos tornou-se um dever mundial, mas continua sendo um objetivo difícil de ser alcançado, que requer um novo tempo de justiça internacional e o início de uma caminhada espiritual no coração de todo o ser humano, rumo a uma purificação interior por meio da não-violência.

No espírito da primeira convocação de Assis – disse, abrindo a cerimônia dos testemunhos, o cardeal François Xavier Nguyễn Van Thuân, presidente do Pontifício Conselho de Justiça e Paz – acolhemos o convite de proclamar diante do mundo que a religião nunca deve tornar-se motivo de conflitos, de ódios e de violências, como os nossos dias novamente conhecem. Neste momento histórico, a humanidade necessita de ver gestos de paz e de ouvir palavras de esperança.

Após a saudação de boas-vindas feita pelo Papa, alguns representantes das várias Igrejas e Comunidades eclesiais e das outras Religiões leram publicamente mensagens em favor da paz, em várias línguas. A seguir, destacamos alguns pontos dos vários pronunciamentos dos que participaram daquele encontro da paz, em Assis.



Foto: s L'Osservatore Romano

Patriarca Bartolomeu I, Grécia

Temos o dever, sobretudo agora, após o extermínio de vidas e os horrendos holocaustos, de conhecer primeiramente os pressupostos espirituais, mas também econômicos e de outros gêneros, da paz sobre a Terra. E estes pressupostos são a justiça, o respeito da sacralidade da pessoa humana do próximo, de sua liberdade e dignidade, a reconciliação, a disposição benévola e altruísta para com a pessoa humana e, em geral, a vida virtuosa segundo Deus, na qual se insere também a justiça, a equilibrada participação de todos aos bens da terra, da ciência e da tecnologia. Deus não é Deus da guerra e da batalha, mas Deus da paz.

Dr. Setri Nyomi, Aliança Mundial das Igrejas Reformadas

São necessários mais samaritanos que, inspirados pela fé, decidam que as diferenças religiosas não deveriam permitir ignorar ou até mesmo odiar os que são diferentes.

Geshe Tashi Tsering, representante budista japonês

Cantou uma oração, antes de sua breve intervenção, sublinhando a importância da perfeição interior.

Dhanashree S. Talwalkar, representante do Hinduísmo

A paz consiste em manter o equilíbrio e a harmonia interna e externamente. Enquanto não conseguirmos alcançar essa forma de compreensão, continuaremos a ser testemunhas de intolerância, miséria, aproveitamento, conflitos e injustiças.



Grupo de reflexão de mulheres e homens de diversas religiões.

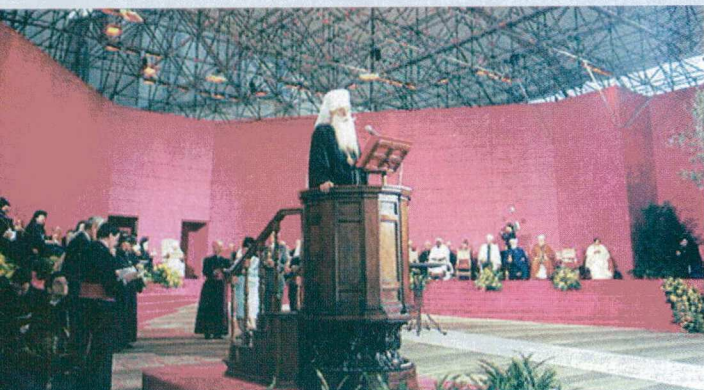
Gasseto Amadou
representante de
religiões africanas

A paz do mundo depende da paz entre os homens. A responsabilidade do homem no mundo influi não só sobre a sociedade, mas também sobre a nação inteira. Os responsáveis das religiões não deveriam menosprezar os ritmos da natureza e a manutenção do ecossistema. Além disso, os países mais desenvolvidos devem sustentar os países menos avançados em seus esforços rumo ao desenvolvimento. O comércio internacional não deve favorecer só aqueles que têm uma economia forte, mas respeitar o esforço real de trabalho e de produção de cada povo.

Bispo Richard Garrard,
texto do arcebispo de
Cantuária, Inglaterra

As nossas tradições podem ser distorcidas para dividir as pessoas, em lugar de reuni-las. Às vezes, definimo-nos por isso com aquilo que divide, em lugar de sublinhar o que nos une. No pensamento dele, hoje é um dia que marca uma nova etapa da nossa viagem, um sinal do nosso compromisso de uns pelos outros. As relações inter-religiosas não podem ser isoladas de suas implicações sociais e políticas. As Nações Unidas que, com mérito, receberam, o ano passado, o Prêmio Nobel da Paz, devem continuar a crescer na área em que foram pensadas desde o início, isto é, promover cada vez mais a fraternidade entre todos os povos, comprometer-se a agir de maneira decidida em favor da justiça internacional da paz e da integridade da criação de Deus.

Pronunciamento do Patriarca Bartolomeu I da Grécia.



Mohammed Tantawi,
representante do
Islamismo

Terminou a mensagem com o reconhecimento das ações do Estado do Vaticano "por seu louvável apoio ao povo palestino".

Chiara Lubich,
ao representar a Igreja
Católica

Com o diálogo e a colaboração em diferentes campos com todos aqueles que, sem uma referência religiosa, são pessoas de boa vontade, pode-se construir juntos a paz.

Israel Singer,
representando o
Judaísmo

A guerra não é o coração do judaísmo. Por isso, a guerra não é a nossa cultura, nem tarefa, nem missão, nem nosso objetivo como hebreus. Não é nem sequer a tarefa de outras religiões do mundo.



Solenidade da celebração de culto ecumênico em que os participantes levavam uma lamparina até um altar redondo simbolizando sua participação na busca da Paz.

Henry I. Sobel,
rabino e presidente do
Rabinato da Congrega-
ção Israelita Paulista

Foi lindo almoçarmos juntos, judeus e muçulmanos, budistas e hinduístas, católicos e protestantes – e o papa, é claro –, todos sentados em volta de uma única mesa circular, enorme. Uma cena inesquecível. Depois de voltarmos à basílica, cada um de nós recebeu uma lamparina acesa. Fomos então chamados pelo nome, um por um, e cada um colocou sua lamparina numa mesa redonda de mármore diante do trono do papa, simbolizando, assim, que cada participante estava contribuindo para o combate contra as trevas da violência, da guerra e do terrorismo. No final da cerimônia, recitamos em voz alta um compromisso coletivo pela paz.

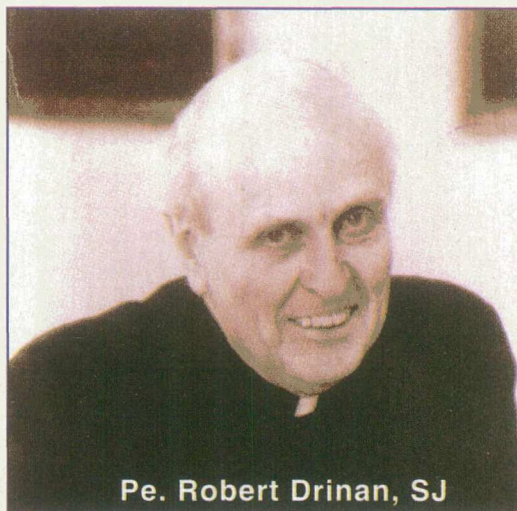
Direitos humanos no mundo: visão de um jesuíta

Francisco Gomes de Matos

Diálogo com internacionalistas

Meu interesse por Direito Internacional – a disciplina preferida no Curso de Direito realizado na Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, sob a competente orientação do saudoso jurista pernambucano Mário Pessoa – fez com que este articulista, embora profissionalmente engajado na área da Lingüística, buscasse alguma aproximação com internacionalistas, tanto do Brasil quanto do exterior. Graças à comunicação (então epistolar), pude iniciar o que se transformaria em uma “educação continuada” em Direitos Humanos e, a partir de 1984, em Direitos Lingüísticos. Assim, recorro inspirador diálogo com os eminentes Vicente Marota Rangel e Antônio Augusto Cançado Trindade (este, conferencista no memorável Seminário Internacional sobre Direitos Humanos e Direitos Culturais, ocorrido na Faculdade de Direito do Recife e do qual resultou a “Declaração do Recife” — 9 de outubro de 1987 — texto citado na Declaração Universal de Direitos Lingüísticos proclamada em Barcelona em 6 de junho de 1996 e disponível na Internet em www.linguisticdeclaration.org). Dentre os juristas da anglofonia com quem troquei correspondência, lembro Paul Sieghart (autor da magistral obra *The International Law of Human Rights*,

publicada pela Editora Oxford, 1983; defensor dos Direitos Culturais, “de cujo



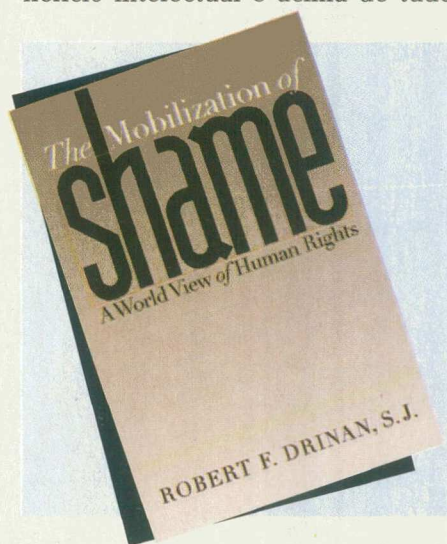
Pe. Robert Drinan, SJ

solo fecundo brotariam e se desenvolveriam novas concepções de Direitos Humanos” — comunicação pessoal, 9/09/1987 — e Louis B. Sohn (pontificou em Harvard e, depois, na Universidade da Geórgia, onde nos conhecemos, durante minha missão docente como professor visitante Fullright de Língua Portuguesa). Esse internacionalista americano, impossibilitado de comparecer ao supracitado seminário de 1987 no Recife, enviou comentário em que interpreta os Direitos Lingüísticos à luz do Direito Internacional. Para ele, “era chegado o momento de considerar-se a problemática dos direitos lingüísticos com uma dimensão mais ampla e aprofundada, pois até então a ONU só havia se referido a direitos de minorias, de grupos indígenas” (comunicação pessoal 21/08/1987).

Recentemente, tive a alegria de me comunicar, por e-mail, com um dos mais atuantes juristas do movimento de Di-

reitos Humanos: o jesuíta Robert E. Drinan, professor de Direito da Universidade de Georgetown, na capital norte-americana.

Generosamente, o ex-congressista me presenteou seu novo livro, *The Mobilization of Shame. A World view of human rights*, publicado pela prestigiosa Editora da Universidade de Yale (www.yale.edu/yup). Pela relevância e atualidade da obra, resolvi dedicar à mesma este artigo, convidando os leitores a compartilharem do imenso benefício intelectual e acima de tudo



“humanizador propiciado pela leitura daquele magistral estudo crítico.

Explicando o título e o subtítulo

Na epígrafe do livro, encontramos parte da inspiração para seu título — traduzido: *A mobilização da vergonha*. Assim, pe. Drinan recorre a uma exortação da Anistia Internacional, segundo a qual a mobilização internacional

da vergonha não deveria restringir-se a governos que cometem violações diretas de direitos humanos, mas a todos os que se recusam a tomar medidas eficazes, no âmbito das organizações governamentais. Confiar o autor que tal mobilização possa modificar ações desumanas, como a abominável violência masculina perpetrada contra as mulheres (p.41).

Quanto ao subtítulo – traduzido: *Uma perspectiva mundial dos direitos humanos* – esclarece o renomado jesuíta que seu livro objetiva descrever como, no último meio século, com base em tantas promessas solenes feitas por dezenas de documentos sobre direitos humanos (principalmente os oriundos das Nações Unidas) o mundo vem concretizando essas intenções. Pondera o autor que a consecução desses direitos só trará estabilidade e justiça à família humana, quando diminuir a assustadora disparidade econômica entre nações ricas e nações pobres (p.12).

Organização do livro

A um instigante *Prefácio* (5 páginas), seguem-se três partes, cujos títulos

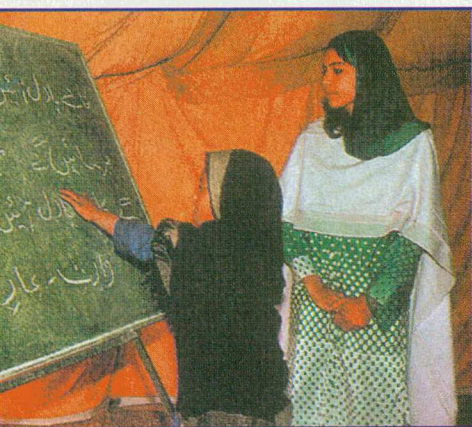


Foto: Sem Fronteiras

apresento traduzidos: I- *As Nações Unidas e os Direitos Humanos*, II- *Os Estados Unidos e os Direitos Humanos*, III- *Ação transformadora mundial dos Direitos Humanos*.

Sabidamente, em um *Apêndice*, o autor compartilha com os leitores o texto integral da Declaração de Viena e Programa de Ação adotado na Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, de 25 de junho de 1993. A essas 38 páginas de relevantíssima documentação, segue-se uma lista comentada de 10 Fontes de Informação sobre Direitos Humanos. Conclui o volume um breve *Índice* em que são explicitados alguns dos autores citados, conceitos-chave, países (o Brasil é mencionado quatro vezes), organizações internacionais governamentais e Ongs. Destaque-se a inclusão, no referido Índice, de entradas sobre Catolicismo e Cristianismo.

A primeira parte contém sete capí-




Foto: Cláudio Gregianin

tulos, dentre os quais "Apelo mundial das mulheres em favor da igualdade" e "Uma revolução mundial em favor das crianças". Na segunda parte (a mais breve: quatro capítulos), o autor faz uma apreciação crítica do Relatório do Departamento de Estado sobre Direitos Humanos. A propósito, indaga pe. Drinan, se esse relatório não constituiria uma maneira de os Estados Unidos exaltarem a agenda de direitos humanos das Nações Unidas, ao mesmo tempo que finge estar cumprindo seus deveres, quanto à proteção e promoção de direitos humanos (p.89).

Encontramos, na terceira parte, nove capítulos, nos quais são abordados problemas desafiadoramente angustiantes: O Direito à Alimentação, Direitos Humanos de Prisioneiros, Iniciativas atuais em favor de Direitos Humanos, O futuro dos Direitos Humanos Internacionais e, sob forma de indagação, A Liberdade Religiosa será o mais fundamental dos direitos humanos?

Para este articulista, interessado em Direitos Humanos (Linguísticos) e na Paz Comunicativa (cf. nosso livro *Comunicar para o Bem*, publicado recentemente pela Editora Ave Maria), é significativa a menção aos direitos humanos como uma "língua moral internacional" (p. 162) e, na Declaração de Viena, a afirmação de que "A Educação em Direitos Humanos deve incluir a paz, a democracia e a justiça social" (p.237).

Terminologicamente, a obra reafirma a caracterização dos Direitos Humanos como um movimento: assim, a palavra equivalente em inglês – *movement* – é muitíssimo frequente, sendo raramente substituída por "revolução" ou, por uma locução bem expressiva do tipo "força moral internacional" (p.180).

Em suma, um livro inspirado e inspirador, fruto de 30 anos da atuação de um dos mais corajosos e dedicados patriotas dos direitos humanos. Que, numa próxima edição, pe. Drinan comente a respeito do surgimento e do impacto inicial do movimento em favor dos direitos linguísticos, pois, como os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, merecem integrar a crescente família dos direitos humanos, harmoniosamente interdependentes como devem ser as pessoas e os povos. 

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Linguísticos, da Univ. Federal de Pernambuco, Membro da Comissão de Direitos Humanos, CAC, UFPE, Recife. fcgm@cashnet.com.br



Século XXI, desafio para a Igreja

Ronaldo Mazula

Damos continuidade ao tema "Situação mundial na entrada do século XXI", iniciado no mês de janeiro, falando da "realidade globalizada" e "realidade brasileira".

Realidade globalizada

Cada um dos nossos povos busca seu próprio caminho, mas são muitas as realidades que nos afetam a todos e fazem-nos interdependentes tanto nos aspectos positivos como nos negativos. A atual organização do poder político e econômico acentua em todos os lugares as desigualdades, a dependência e a dominação, excluindo do bem-estar e do progresso milhões de mulheres e homens. Alguns países, em seu território, respeitam a liberdade, mas negam-na em sua política externa.

- A revolução tecnológica das comunicações mudou qualitativamente o modo de tratar a informação e oferece novos rumos para a evangelização. O ciber-espço desafia nossa sensibilidade missionária como um autêntico novo continente. Tudo isto possibilita enormemente a humanização, a solidariedade, o desenvolvimento e o serviço da palavra de Deus. Em teoria, a ciência e a tecnologia atuais têm soluções para muitos problemas que nos afligem: fome, doenças, etc. Podemos instaurar um diálogo universal e dar corpo a uma solidariedade efetiva entre todos os seres humanos, superando dogmatismos, fundamentalismos, totalitarismos e

uma visão do mundo sem sentido ou orientação. Contudo, na prática, todo este potencial é, freqüentemente, utilizado por um sistema dominante a serviço de uns poucos, difundindo um único modelo de existência humana. Estes poucos fazem caso omissos dos direitos humanos, dos povos e das culturas, e da deterioração da criação e da exploração dos recursos naturais.

Alguns grupos de militantes em favor da paz e justiça estão cansados e frustrados. Mas surgem outros movimentos com novas energias em seu compromisso com os problemas sociais e defesa dos direitos humanos.



Realidade brasileira

Diante das mudanças profundas e rápidas que caracterizam a sociedade de hoje, o evangelizador não deve crer na incerteza ou no imediatismo, mas se esforçar para compreender os novos desafios.

• Mudanças sócio-econômicas recentes

A inserção do Brasil na economia 'globalizada' (processo gerado pela maior comunicação existente entre as diversas partes do mundo, na prática levando à superação das distâncias) e suas conseqüências: dívida externa (a do Brasil, em 11/1998, era de US \$ 229 bilhões); desvalorização e crise da moeda; novos desafios.

- POSITIVOS: eficiência, aumento da produção, unidade dos povos.

- NEGATIVOS: valor absoluto da economia, desemprego, diminuição e deterioração de serviços públicos, destruição do ambiente da natureza aumento da diferença entre ricos e pobres, a concorrência injusta.

João Paulo II define assim o neoliberalismo: "sistema que, apoiado numa concepção economicista do homem, considera o lucro e as leis do mercado como parâmetros absolutos em detrimento da dignidade e do respeito da pessoa e do povo".

A realidade brasileira nos anos 90: população (165 milhões); redução da natalidade (4,4 filhos por mulher, em 1980, para 2,4 filhos, em 1997); migra-

ções (milhões de trabalhadores deslocam-se em busca de sobrevivência); urbanização (78,4%, em 1996, viviam nas cidades); crescimento das cidades médias; concentração de renda; aumento do trabalho feminino (passou de 32% para 47,2%, da década de 80 para o ano de 1997) e de menores (mais de 2,6 milhões, em 1997, de 10 a 14 anos de idade); economia informal (mais de 38% dos trabalhadores não têm carteira assinada); pobreza (+27% da população); índice de desenvolvimento humano; educação (melhora, mas temos uns 17,8% de analfabetos); crime e violência (cresceu e é resultado do comércio de droga, tráfico de armas, corrupção, desigualdade social...

• Causas das mudanças e perspectivas

Novo contacto internacional (globalização da economia; especulação do capital que busca ganhos fáceis); enfraquecimento do Estado (dependência do exterior: FMI, Banco Mundial Grupo dos 7, G7, investidores privados) e dos partidos; obstáculos à participação; aumento da violência; exclusão; desemprego.

IGREJA: contribuir para que a sociedade democrática reconheça a necessidade de *um fundamento ético comum*, além de mera vontade subjetiva dos indivíduos; contribuir para a educação da consciência moral dos cidadãos; contribuir por uma retomada do primado da política sobre a economia.

• Mudanças culturais

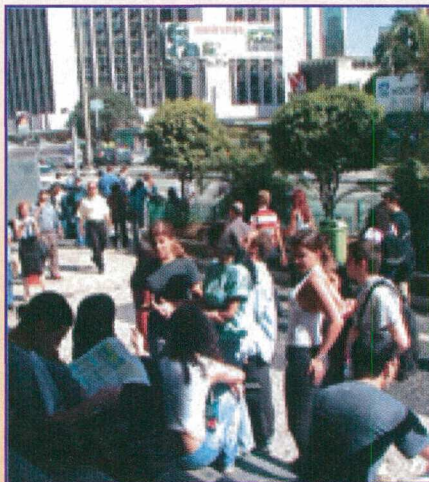
Características do processo de modernização (processo de diferenciação da sociedade, que perde a unidade orgânica característica do período pré-moderno que interligava cultura-religião-economia-política-vida cotidiana, com a tendência dos subsistemas econômico e político a tornarem-se autônomos), auto-referenciais, sem vin-



Foto: S. Eduardo Russo

culação com a ética e a religião (a sociedade moderna é 'secularizada'); tecnologia (determina os rumos da sociedade e cria novas necessidades e consumismo); crise atual da modernidade (falência das promessas modernas de 'liberdade e igualdade' e 'progresso' para todos) ou pós-modernidade (esgotamento e superação da modernidade e liberação dos seus 'efeitos perversos'); pluralismo cultural (fragmentação, 'novas tribos', nacionalismos e racismos); subjetividade e individualismo.

Resistências culturais e avanço da modernidade nas grandes cidades e entre os jovens (contradições: relações amorosas passageiras e valorização da família), refluxo sobre si mesmos e a busca de grupos de referência como rapp-funk-gangues, grupos de jovens-



movimentos, pouco engajamento e crescimento do voluntariado.

• Crise ética

As conseqüências negativas do relativismo ético e a necessidade de conciliar liberdade que não sacrifique a verdade, mas se fundamente sobre ela.

• Pluralismo religioso

(acentuou-se no plano quantitativo e na variedade das formas)

A religiosidade continua fortemente presente na cultura brasileira, mas se acentua o pluralismo das crenças. São poucos os que se declaram ateus.

Um quadro da situação: o número dos católicos tem diminuído nos últimos 30 anos (91%, em 1970, a 74,9%, em 1994); a diferenciação interna do catolicismo (uns 14% são engajados a Comunidade Eclesiais de Base, CEBs, Renovação Carismática Católica, RCC, pastorais e movimentos e uns 61% não têm ligações-tradicionais; outras religiões (evangélicos e pentecostais, espíritas, afros, islâmicos, budistas...); as grandes cidades (marcadas pelo pluralismo religioso e com menor porcentagem de católicos, mais presentes nas cidades pequenas; as diferenças regionais (NE é mais católico com 80%, seguido do Sul com 78%; Sudeste tem 71% e um número maior de pentecostais com 14,6%); espíritas kardecistas estão mais no Sudeste.

Uma análise qualitativa aponta três tendências: • a religião 'invisível' (sem práticas externas e reduzida a uma convivência interior, pessoal, intimista e individualista); • a religião sectária, fundamentalista e rigidamente enquadrada; • a permanência nas igrejas tradicionais, mas em formas 'renovadas'.

Na próxima edição, em abril, serão abordadas as causas daquelas três tendências.



Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Maria na Bíblia

Geraldo Araújo de Lima

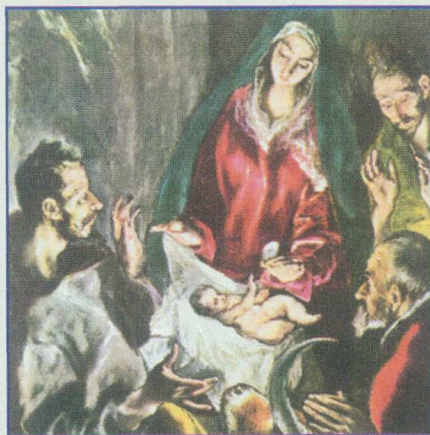
Este artigo é uma continuação de uma série iniciada nesta revista em agosto de 2001. Com o tema geral: Maria na Bíblia, aqui, em Pastores, subtítulo do capítulo, Maria em Belém, damos continuidade à trajetória dessa mulher central nas leituras bíblicas.

Pastores

Desde tempos imemoriais, pastavam nos campos, a leste de Belém, numerosos rebanhos, destinados para a renovação dos sacrifícios quotidianos do Templo de Jerusalém. Alguns pastores cuidavam deles, revezando-se por turnos. Por viverem sempre na efetiva impossibilidade de guardarem o repouso sabático, como também outras prescrições rituais, eram particularmente desprezados pelos fariseus, que os igualavam aos "pecadores públicos".

Ora, são exatamente esses pobres pastores desprezados que vão receber, de primeira mão, o anúncio da grande alegria para todo o povo (Lc 2,10): o nascimento d'Aquele que deverá dizer, um dia: *Eu sou o bom Pastor... Eu te louvo, ó Pai, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos* (Jo 10,11; Mt 11,25). Nenhum recadinho sequer para Herodes, fariseus, saduceus ou escribas! É a profecia de Maria se realizando: *Deus exaltou os humildes* (Lc 1,52)!

Atentemos para os contrastes divinos: enquanto uma "multidão do exército celeste" enche de luz o campo dos pastores e entoa a mais bela sinfonia pastoral... vejamos os humildes sinais para a identificação do Salvador, o Cristo-Senhor: *um recém-nascido envolto em faixas deitadas numa manjedoura* (Lc 2,14)! Realmente, Maria tem



Pintura: Adoração dos pastores, 1541-1614, El Greco
toda a razão de *conservar todos esses acontecimentos e meditá-los em seu coração* (Lc 2,19).

Talvez por conta da ausência dos sábios e poderosos na gruta de Belém, como também das portas que não se abriram... a tradição cristã resolveu completar o quadro bucólico da lapinha com a presença do boi e do burro, certamente sugeridos pelas velhas profecias: *No meio de dois animais tu te manifestarás...* (Hab 3,2, no texto grego), porque *o boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura do seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, o meu povo não pode entender* (Is 1,3)!

APRESENTAÇÃO NO TEMPLO (Lc 2,22-38)

Purificação da imaculada

Quarenta dias depois, a sagrada família percorre os 9 km que separam Belém de Jerusalém para o ritual da apresentação do primogênito e da purificação da mãe, de acordo com as prescrições da Lei (cf. Lv 12,2-8). E aqui, mais uma vez, as contradições da

história: a toda pura, a imaculada, deve purificar-se! Purificar-se de quê? E o Filho do Altíssimo, Senhor do céu e da terra, é tão pobre, que será resgatado por um par de rolinhas!

Não estariam ambos fora e acima de tais preceitos? Um belo dia, João Batista tomou um susto quando viu Jesus na fila para se batizar. Tentou dissuadi-lo, dizendo: *Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e tu vens a mim?* Jesus respondeu com tranqüilidade: *Deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça* (Mt 3,13-15). Que lição para nós, que apreciamos tanto privilégios e mordomias!

Senhora das Dores

Enquanto Maria e José estão no Templo como um casal qualquer de galileus, apresentando ao Senhor o seu Filho, igual a tantas outras crianças da mesma idade, surge o velho Simeão, o qual, não obstante todas as aparências, enxerga neles e no Menino, algo bem diferente! Tomando o garotinho nos braços, voltou-se para o céu e exclamou: *Agora, soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra, porque meus olhos estão vendo a salvação que preparaste para todos os povos!*

Diante da admiração dos pais, acrescentou que aquele Menino seria um sinal de contradição, causa de queda e soerguimento para muitos em Israel. E, adentrando-se ainda mais nos mistérios de Deus, profetizou para a mãe: *e a ti, uma espada traspassará a tua alma!* (Lc 2,29-31 e 35). O velho profeta quis dizer que Deus iria associar, de maneira excepcional, a mãe ao destino dolo-

Rosa de Viterbo

6 MARÇO

(1234-1252)

Movimento dos penitentes

O século XIII é considerado um divisor de época. Marcou a passagem da Idade Média, centrada no teocentrismo e eclesio-centrismo, numa sociedade fechada e agrária, para a Modernidade. Iniciou de um processo que provocou a separação entre o sagrado e profano, o temporal e o espiritual. Isso acabou gerando uma sociedade laicista, racionalista, antropocêntrica e urbana.

Portanto, esse período de transição, mudanças, transformações provocou grande crise, também na Igreja. Necessitou de homens e mulheres muito bem centrados para situá-la e adaptá-la ao novo contexto emergente. Assim, tivemos grandes santos (Francisco de Assis, Domingos de Gusmão, Clara de Assis, Alberto Magno, Boaventura, Tomás de Aquino), que foram enviados à Igreja para ajudar na sua adaptação e purificação, época em que ela estava manchada pela riqueza e todos os seus males: luxúria, inveja, ócio, comodismo, injustiça, marginalização e exclusão, jogo de interesses e corrupção, etc. Nesse período, cresceram algumas heresias (cátaros ou albigenses, valdenses, patarinos, etc.) que também queriam uma renovação eclesial e social, mas desviaram-se do caminho e da doutrina eclesial. Por outro lado, a instituição papal começou a



dar mostras de decadência e de fraquezas que geraram a grande crise eclesial do século XIV (desterro de Avinhão e Cisma do Ocidente). Assim, cresceu muito, de modo informal, o chamado movimento dos penitentes. Homens e mulheres que pregavam a conversão dos pecados e uma dedicação exclusiva às coisas sagradas, renunciando a toda segurança deste mundo e tudo o que pudesse impedir uma dedicação exclusiva ao reino de Deus.

Santa Rosa de Viterbo nasceu de uma família italiana modesta e, desde pequena, sua vida foi cumulada das bênçãos divinas e acontecimentos prodigiosos. Com dez anos de idade, ingressou na Ordem Terceira de São

Francisco e se consagrou a Deus. Passou a viver como penitente e dedicou seu tempo à oração, ascese, sacrifícios e serviço ao próximo. Aquela época de heresias, pregava também a fidelidade à Igreja e, por isso, foi perseguida e exilada com sua família, não por muito tempo. Fez vários milagres e conseguiu muitas conversões. Ela tentou entrar na Ordem das Clarissas, mas não conseguiu. Faleceu aos dezoito anos de idade. Seu corpo permaneceu intacto após um longo período em que ficou exposto numa igreja e também, após seu sepultamento.

Atualmente, afloram no mundo muitas heresias, doutrinas ambíguas e enganosas. As pessoas pautam sua vida pelo desejo do poder, consumo e prazer. Neste contexto, Santa Rosa de Viterbo é modelo de mulher que:

- se consagra totalmente a Deus;
- direciona sua vida para a oração e penitência;
- ama a Igreja e permanece fiel a ela, apesar de todas as dificuldades que possa ter, interna e externamente;
- consagrada leiga no meio do mundo, anuncia e testemunha a palavra de Deus;
- jovem disponível à vontade de Deus e firme nos seus propósitos de santidade, apesar das ofertas mais prazerosas deste mundo.

roso do Filho. Este será o Redentor da humanidade; ela será a co-redentora. Ele foi denominado *homem das dores* (Is 53,3); ela será chamada a "senhora das dores", das "sete dores", de todas as dores!

Comenta o papa João Paulo II: "Crer quer dizer abandonar-se à pró-

pria verdade da palavra do Deus vivo, sabendo e reconhecendo humildemente o quanto são insondáveis os seus desígnios e imperscrutáveis as suas vias (Rm 11,33). Maria que, pela vontade do Altíssimo, veio a encontrar-se, por assim dizer, no próprio centro das *imperscrutáveis vias* e dos *insondáveis*

desígnios de Deus, conforma-se a eles na obscuridade da fé, aceitando plenamente e com o coração aberto tudo aquilo que é disposição dos desígnios divinos" (Encíclica *Redemptoris Mater - A mãe do Redentor*).

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

Benedito

MARÇO
(1526 - 1589)

Ordem dos franciscanos menores

O século XVI, como já foi mencionado em números anteriores, foi um dos mais difíceis de toda a história da Igreja. Nele, aconteceu o grande cisma, isto é, a divisão no seio do Cristianismo: católicos e protestantes ou evangélicos. O movimento cismático teve seu início com Martinho Lutero, a partir de 1517, e se expandiu rapidamente. Começou pela Alemanha, atingindo quase todos os países da Europa e, nos séculos posteriores, todos os continentes. Diante disso, a Igreja Católica teve que repensar e revisar suas atitudes e posições (eclesiologia, sacramentos, hierarquia, etc.), o que provocou uma renovação eclesial, a partir do Concílio de Trento, 1545. Muitos foram os católicos que ajudaram naquele trabalho de revisão e fortalecimento do Catolicismo: Papas Paulo III, Pio IV e Pio V, Gregório XIII, Cardeal Reginaldo Pole, os reis Carlos V e Filipe II de Espanha, Carlos Borromeu, Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Roberto Belarmino, Pedro Canísio, Teresa de Ávila. Além da renovação tridentina, esses santos e santas colaboraram no surgimento e fortalecimento de novos movimentos, na reforma das ordens religiosas antigas, no surgimento de várias ordens religiosas e, de modo especial, no fortalecimento da atividade missionária.

Foi nesse contexto que nasceu e viveu São Benedito, um dos santos mais populares do catolicismo ibérico e bra-



sileiro. Benedito nasceu na ilha da Sicília, Itália, filho de pais escravos. Ficou conhecido como o 'santo mouro', por ser negro. Na adolescência, foi libertado e, desde cedo, mostrou tendência para a vida de penitência e de ascese. Trabalhava como pastor, cuidando de rebanhos e sempre aproveitava o tempo livre para se dedicar à oração, o que não era compreendido por seus companheiros que o tratavam muito mal. Aos 21 anos de idade, passou a dedicar-se à vida eremítica e foi agraciado por Deus com a virtude de poder operar milagres. Posteriormente, ingressou na Ordem dos Frades

Menores, como 'irmão leigo', ocupando cargos humildes, especialmente como cozinheiro. Posteriormente, teve o reconhecimento da Ordem, sendo nomeado Guardião. Dedicou-se com muita virtude e competência à formação dos futuros frades, no noviciado. Sua atenção para com os pobres, pedintes, carentes e doentes era especial. Apesar de ser iletrado, possuía o dom da 'ciência infusa' e sua sabedoria chamava muito a atenção dos teólogos. Morreu no ano de 1589.

Nosso tempo é marcado por um incremento muito grande das pesquisas científicas e, também, pela ótica do mais forte e do melhor, ou seja, o homem só tem valor pelo que tem e sabe. São Benedito mostra que a abertura à graça divina e à confiança em Deus pode prover todo o necessário para que tenhamos uma vida digna. Neste sentido, ele é modelo de:

- homem que coloca as realidades espirituais em primeiro lugar e vive exclusivamente para Deus;
- homem que confia em Deus mas que trabalha com afinco na construção de seu Reino;
- cristão que consegue conciliar em plenitude a contemplação dos mistérios divinos com uma vida de ação;
- consagrado que se dedica à comunidade e ao serviço aos mais pobres e pequenos;
- homem humilde que na simplicidade se faz servo de todos.

NA PAZ DO SENHOR



Em Montes Claros, MG, **Serafina Oliveira Souza**, aos 09.08.2001, com 91 anos. Foi assinante da *Revista Ave Maria* por mais de 50 anos

Em São Bernardo do Campo, SP, **Marianna Tiziani**, aos



05.05.2001, com 92 anos. Foi assinante da *Revista Ave Maria*.
Em Sorocaba, SP, **Gertrudes Carolina Nascimento**, aos 15.12.2001, com 80 anos. Foi assinante da *Revista Ave Maria* por 70 anos.

Senhora do Desterro

Roque Vicente Beraldi



Com o nome de Nossa Senhora do Desterro, Maria, mãe de Jesus pode ter sido invocada desde os primeiros anos da Igreja. Baseia-se na fuga que José e Maria fizeram, às pressas, quando Herodes mandou matar os recém-nascidos meninos da cidade de Belém. Pensava, assim, apanhar Jesus, e afastar o temor de que ele usurpasse o seu trono, (cf. Mt, cap.1 e 2).

Criaram-se imaginosas lendas sobre a viagem da sagrada família ao Egito, como as que seguem: de que o Egito era um país pagão com muitos ídolos e, à medida que a sagrada família passava perto de algum deles, a estátua do deus caía por terra. Outra, descansando à sombra de uma tamareira, os galhos se inclinaram até à altura das mãos, para que José pudesse apanhar as tâmaras... Durante a viagem, pediram pouso numa casa e a mulher ofereceu-lhes água para lavarem os pés e banhar o menino Jesus. Em seguida, Maria teria dito à mãe do um menino: "Lave também seu filho

nesta água". A mulher assim o fez e o menino ficou curado. Diz-se ainda que, aquele menino tornou-se um ladrão e foi condenado a morrer na cruz ao lado de Jesus, quando disse: *Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino*. A tradição conservou seu nome: São Dimas.

Estas lendas demonstram a piedade popular e a confiança na mãe de Deus, invocada sob o título de Nossa Senhora do Desterro. Artistas perpetuaram a representação de Nossa Senhora do Desterro, sob várias cenas. Numa delas, mostra José com o bastão numa das mãos e com a outra, segurando um jumento no qual se vêem o Menino Jesus nos braços de Maria, sentada, de lado, sobre o animal. Na cidade de Batatais, SP, na Matriz do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, Cândido Portinari deixou um dos quadros mais expressivos de suas obras: "A Fuga para o Egito". No Brasil e pelo mundo, existem outras pinturas, lembrando o desterro da sagrada família. Na Bahia, no convento de Nossa Senhora do Des-

terro, recolhiam-se as senhoras que desejavam dedicar-se à vida consagrada. No Rio de Janeiro, há o convento de Santa Teresa, no Morro do Desterro, onde os franceses foram vencidos no tempo da colonização.

Vila do Desterro foi o nome primitivo da cidade de Florianópolis, mas que em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, teve o nome trocado. Naquela cidade, encontra-se uma escultura, em tamanho natural, representando a fuga para o Egito, talhada em tília, madeira de árvore ornamental, do escultor Demetz.

Há ainda outros três municípios com o nome de Desterro. Um na Paraíba e dois em Minas Gerais, Desterro de Entre Rios e Desterro do Melo. Diz-se que o historiador brasileiro, pe. Simão de Vasconcelos conseguiu a cura de sua doença, considerada incurável, por ter-se colocado sob a proteção de Nossa Senhora do Desterro.



Oração

Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos, os filhos de Eva. Por vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos, a nós volvei, e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria. — Rogai por nós santa mãe de Deus, — Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém!

Pe. Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

Quando o assunto é livrar-se de...

Wimer Botura Jr.

Rosana e Jonas eram recém-casados, amavam-se muito, estavam felizes e queriam ter filhos. Não só tê-los, mas educá-los de forma correta, com muito amor, sem repetir os erros que viam em outras pessoas, em tantas famílias.

Quando Rosana engravidou, fez o pré-natal, o curso para gestante, leu todos os assuntos que diziam respeito à gravidez e a bebês e se aprofundou neles. Para não traumatizar a criança, optou pelo parto de cócoras.

O pai, desde o primeiro dia em que soube da gravidez de Rosana, participou ativamente de tudo e de todas as formas. Isto porque Jonas era um homem muito bem-intencionado em relação à idéia de criar seus filhos.

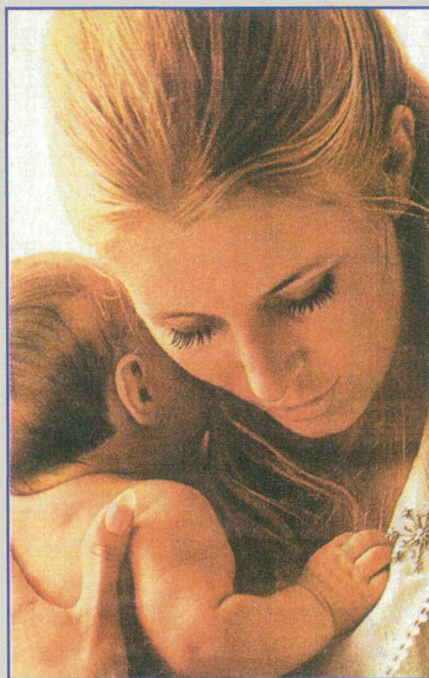
O trabalho de parto foi fácil, Rosana ficou muito tranqüila e Jonas esteve sempre ao seu lado. Tudo correu da melhor maneira possível e Jonas Júnior, um saudável garotão, veio ao mundo para ser acariciado e muito amado.

O jovem e feliz casal de imediato planejou um jantar para comemorar um mês de nascimento do filho, já que, de início, com o trabalho que os pais têm para se adaptar à rotina de um bebê, seria impossível combinar qualquer tipo de passeio ou lazer.

Jonas Júnior era uma criança cor-data, tranqüila, dormia bem, mamava no peito e alimentava-se regularmente. De um lado, recebia toda a atenção da mãe, que ficou os primeiros trinta dias dedicando-se exclusivamente ao bebê, sem sair de casa. De outro, recebia todo o amor do pai que, ao chegar do trabalho, pegava-o no colo e, carinhosamente, conversava com o filho.

Enfim, havia uma comunicação bastante correta entre os pais e o bebê, o que fazia Jonas Júnior sentir-se incluído nos planos da mãe e do pai, de uma verdadeira família.

Finalmente, chegou o dia em que Rosana e o marido iriam sair para o jantar comemorativo. Estavam bastante felizes, embora nenhum dos dois escondesse uma ponta de preocupação. Será que o bebê sentiria a ausência deles?



Sem deixar que a angústia tomasse conta dos dois, conversaram muito sobre esse assunto e elegeram a melhor estratégia para resolver o problema: sairiam depois que o filho dormisse e voltariam um pouco antes de ele acordar para a mamada noturna.

Pronto, estava tudo combinado, na mais perfeita ordem. Mas, para a surpresa do casal, na hora em que estavam quase para sair, Jonas Júnior de-

cidu chorar pela primeira vez em sua vida. Chorou muito, estava com gases. Júnior estava tendo cólicas que nunca havia tido antes. Estava tendo sintomas normais em qualquer bebê de sua idade. O pai sabia que isto era normal, a mãe sabia que isto era comum entre as crianças, mas ambos ficaram decepcionados, muito decepcionados. Por mais que tivessem feito, seu filho apresentava sinais de sofrimento justo no dia em que eles iriam sair. Não entendiam o que havia acontecido. Afinal, tomaram todos os cuidados...

Parece absurda esta história? De maneira alguma. Não só não é absurda, como é muito comum casos semelhantes acontecerem diariamente entre pais e filhos.

Vejam algumas nuances que acompanham este caso. Enquanto Rosana e Jonas vêem o mundo de uma ótica, Jonas Júnior está vendo por uma outra bem diferente. Enquanto os pais acham que nada mudou na rotina da família, o bebê percebe uma série de mudanças.

A primeira mudança visível está nos cabelos da mãe. Ela sempre os prendeu, em forma de rabo de cavalo, para que não caíssem sobre o bebê. Hoje, no entanto, quando foi amamentar, seus cabelos estavam soltos. Geralmente, Rosana dá banho no filho sem pressa, tranqüila e calma, e ainda tem tempo para fazer massagens e carinho no garoto. Hoje, o banho do bebê foi um pouco mais agitado e curto, ele saiu da banheira e foi logo sendo trocado.

Júnior não sabe o que está acontecendo, mas, neste momento, percebe que há algo diferente. A mãe desfaz-se com mais rapidez de suas tarefas, quer-se livrar dos compromissos que tem de cumprir no dia-a-dia para estar disponível à noite e sair com o marido. De uma certa forma, ao querer se livrar de suas tarefas, em que estão incluídos os cuidados com o filho, quer-se livrar

ENTRADA: SALADA DE GRÃOS-DE-BICO

Ingredientes

- 1/2 quilo de grãos-de-bico
- 1 dente de alho amassado, sal e pimenta moída
- 2 colheres/sopa de vinagre
- 1 cebola pequena ralada
- 4 colheres/sopa de azeite de oliva
- 6 raminhos de salsa picadinha
- Pimentão vermelho (cortado em fatias finas e picadas)



Modo de preparar

1. Deixe os grãos-de-bico de molho em água, por uma noite. No outro dia, retire-os da água. Descasque-os, antes de cozinhá-los.
2. Faça um molho com os demais ingredientes e tempere a salada.
3. Enfeite o prato com folhas de alface.

PRATO PRINCIPAL: PEIXE ASSADO

Ingredientes

- 1 tainha de 1,5 kg ou outro peixe gordo de igual peso
- Pimenta-de-reino moída
- 3 colheres/sopa de suco de limão
- 1 maço de cheiro verde picado
- 1 ramo de orégano fresco picado
- 1 folha de louro picada
- 2 tomates maduros cortados em rodelas finas
- 2 cebolas cortadas em rodelas finas
- 2 colheres/sopa de azeite de oliva
- 1 xícara/chá de vinho branco seco.



Modo de preparar

1. Limpe bem o peixe, lave-o por dentro e por fora, em água corrente. Tempere-o com sal, pimenta e o suco de limão.
2. Espalhe o cheiro verde, o orégano e a folha de louro picados, por dentro e por fora do peixe. Deixe descansar por 1 hora. Ligue o forno no máximo.
3. Coloque o peixe numa assadeira com algumas fatias de tomate e cebola por dentro e o restante delas sobre o peixe. Regue-o com o azeite e o vinho. Leve, ao forno, aquecido, por cerca de 35 minutos ou um pouco mais. Retire a assadeira do forno com a ajuda de um pegador de panelas. Transfira o peixe, cuidadosamente, da assadeira para a travessa de servir.

SOBREMESA: PAVÊ DELICIOSO

Ingredientes do 1º creme

- 1 lata de leite condensado
- 2 latas de leite cru
- 4 gemas
- 1 colher/sopa rasa de maisena

Ingredientes do 2º creme

- 3 copos de leite cru
- 3 colheres/sopa rasas de maisena
- 3 colheres/sopa de açúcar
- 3 colheres/sopa de Tody ou Nescau
- 1 pacote de biscoitos champagne

Ingredientes do 3º creme

- 4 claras batidas em neve

- 3 colheres/sopa de açúcar
- 1 lata de creme de leite gelado e sem soro

Modo de preparar o 1º creme

Leve ao fogo e, quando engrossar e cozinhar, coloque num pirex.

Modo de preparar o 2º creme

1. Faça um creme bem cozido.
2. Passe rapidamente pelo creme os biscoitos. Alinhe-os sobre o 1º creme. Coloque o resto do creme por cima.


Modo de preparar o 3º creme

1. Acrescente o açúcar às claras em neve.
2. Misture as claras com o creme de leite.
3. Derrame o conteúdo sobre os cremes no pirex.

também do bebê. Pelo menos é assim que a criança interpreta.

A criança não entende que a mãe quer-se livrar dos compromissos. Em sua cabecinha primária, primitiva, o bebê entende isto: "Épa, querem se li-

vrar de mim!". E aí Júnior chora. A mãe absolutamente não tem qualquer intenção de agredir o filho, mas esta simples mudança de rotina sugeriu à criança que ela iria ser abandonada. Diante do medo de ser largado, Júnior

começa a chorar, a alterar seu metabolismo, tentando, de alguma forma, impedir que a mãe se afaste dele. (Continua na próxima edição). 

Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta autor do livro A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

Todo o ser vivo louve o Senhor

SALMO 150

Aleluia

- ¹ Louvai a Deus no seu santuário, louvai-o no seu majestoso firmamento.
² Louvai-o pelas maravilhas que tem feito, louvai-o pela sua infinita grandeza.
³ Louvai-o ao som da trombeta, louvai-o com a lira e a cítara.
⁴ Louvai-o com o tambor e dança, louvai-o com a harpa e a flauta.
⁵ Louvai-o com címbalos sonoros, louvai-o com címbalos retumbantes.
⁶ Tudo o que respira louve o Senhor! *Aleluia.*

Hoje, vamos à Praça São Pedro, no Vaticano. Vamos entrar no grande Auditório e escolher nosso cantinho, em meio a um mar de gente... Aqui está bom. Está ótimo, para a gente sescutar o próprio Santo Padre o PAPA João Paulo II comentar – por hoje, só um pouquinho! – o último Salmo do Saltério. É o.150 (número que deu

origem às 150 Ave-Marias do Rosário). Para outro dia, o Papa promete continuar a meditação. Eu também. Se Deus quiser. Notem como o Papa também prefere transmitir considerações mais espirituais e pastorais do que pesquisas muito rebuscadas. Assim ele falou na audiência geral do dia 9 de janeiro deste 2002.

O hino que agora acompanhou a nossa oração é o último cântico do Hinário bíblico chamado Saltério. A derradeira palavra que ressoa no livro da prece de Israel é o **aleluia**, ou seja, o puro louvor a Deus. Por isso, o Salmo é proposto como oração da manhã, para o domingo, dia de Deus.

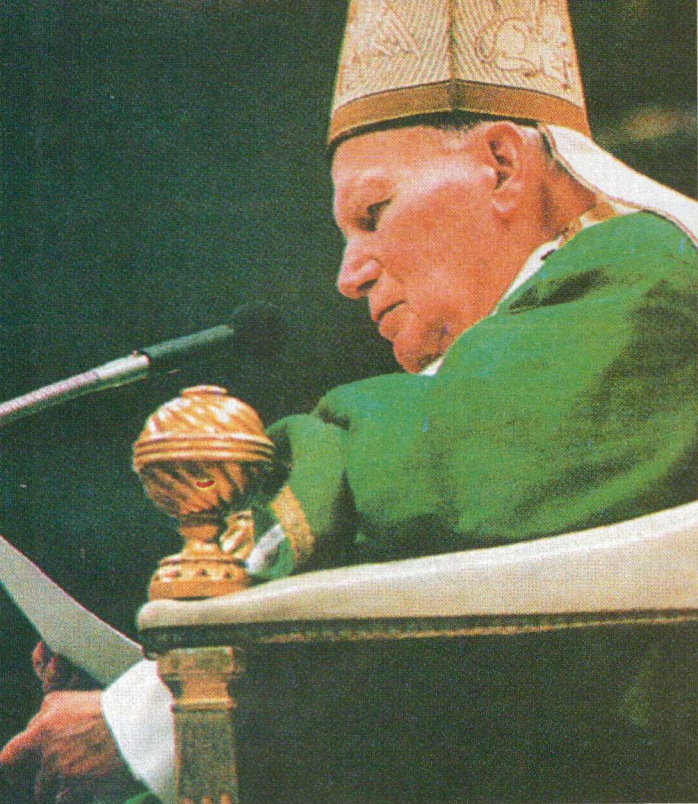
O breve texto é cadenciado por uma série de dez imperativos que repetem a palavra "hallelû", "louvai"! Como música e canto perene, parece que nunca terminam, como acontece também no célebre aleluia do Messias de Haendel. O louvor a Deus torna-se uma espécie de respiro da alma, que não conhece trégua.

O Salmo parece desenvolver-se num tríplice momento: **Na abertura** (versículos 1 e 2), o olhar fixa-se no Senhor, no seu santuário, no seu poder, nas suas obras poderosas e na sua grandeza. **Depois**, semelhante a um verda-

deiro e próprio movimento musical, no louvor insere-se a orquestra do templo de Sião (vv. 3-5b), que acompanha o cântico e a dança sagrada. **Em seguida**, no último versículo, aparece o Universo, representado por todos os seres vivos ou – para maior fidelidade ao original hebraico – por *tudo o que respira*. É a própria vida que se faz louvor, um louvor que sobe das criaturas até ao Criador.



Por hoje, neste nosso primeiro encontro com o Salmo 150, nos contentaremos com uma análise do primeiro e do último momento do hino. Eles servem de moldura, por as-



sim dizer, para o núcleo central da composição, que examinaremos em próximo futuro.

A primeira figura em que se desenvolve o fio musical e orante é a do **Santuário**. O original hebraico fala da área sagrada, pura e transcendente – a morada de Deus. Depois, há uma referência ao horizonte celeste e paradisíaco, onde – como especificará o Livro do Apocalipse – se celebra a eterna e perfeita liturgia do Anjo (por exemplo, Apocalipse 5, 6-14). O mistério de Deus, onde os santos são recebidos na plena comunhão, constitui um âmbito de luz e de alegria, de revelação e de amor. Não é sem motivo que, mesmo com certa liberdade, a antiquíssima tradução grega dos Setenta e a própria tradução latina da Vulgata propuseram, em vez de **santuário**, a palavra **santos**: *Louvai o Senhor no meio dos seus santos*.

Do Céu, o pensamento passa imediatamente para a Terra, sublinhando as suas obras poderosas, realizados por Deus, que manifestam a grandeza divina.

Estas obras poderosas são descritas no Salmo 104 (105), que convida os Israelitas a considerar o poder de Deus, a recordar as maravilhas que Nosso Senhor fez, os Seus prodígios e as sentenças da Sua boca, a aliança que estabeleceu com Abraão, a história extraordinária de José, os milagres da libertação do Egito e da travessia do deserto e, enfim, a dádiva da terra.

Outro Salmo que convida ao louvor a Deus é o Salmo 106 (107). Nas mais angustiantes situações, o Senhor liberta aqueles que clamam por socorro. As pessoas libertadas são incessantemente convidadas a dar graças pelos prodígios realizados por Deus: *Dêem graças ao Senhor pelos seus favores e pelas suas maravilhas a favor dos homens*.

Assim, no Salmo 150 é bem fácil compreender quais são

as **obras poderosas** de Deus e os **prodígios potentes** que Deus semeia ao longo da história da salvação. O louvor torna-se uma profissão de fé em Deus Criador e Redentor, uma celebração festiva do amor divino, que se desenvolve criando, salvando, dando a vida e a libertação.

Assim, chegamos ao último versículo do Salmo 150. O vocábulo hebraico utilizado para indicar os **seres vivos** que louvam a Deus se refere ao ato da respiração, mas indica também o que há de íntimo e profundo no homem.

A vida, o movimento, o ser de todas criaturas representam e significam de louvor ao Criador. Contudo, no centro dessa orquestra de louvor ocupa posição de primazia a criatura humana. Através do ser humano, porta-voz da criação inteira, todos os seres vivos louvam o Senhor. O sopro vital que Deus conferiu ao ser humano depois de o ter formado, conforme lemos em Gênesis 2, era interpretado como um presença divina, que seria a luz da consciência. Esse sopro divino, que chamamos de "espírito", significa também autoconsciência, compreensão e liberdade e, como tal, torna-se cântico e oração de toda a vida que pulsa no universo.

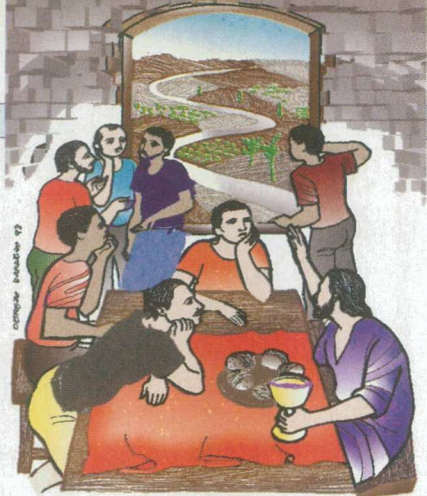
Por isso, todos nós recitamos "salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando o Senhor", em nossos orações (Efésios 5, 19).



Transcrevendo os versículos do Salmo 150, os manuscritos hebraicos reproduzem com frequência a **menorá**, o famoso candelabro de sete braços, colocado no local mais sagrado do templo de Jerusalém. Assim, sugerem uma bonita interpretação deste Salmo: verdadeiro e potente **Amém** acrescentado à oração dos nossos antepassados de todos os Continentes e de sempre. Cada criatura humana, com todos os instrumentos e formas musicais que o seu próprio gênio inventou – trombeta e harpa e cítara e tambores e danças e instrumentos de corda e flautas e metais sonantes e retumbantes, como afirma o Salmo, mas também **TUDO O QUE RESPIRA**, é convidado a arder, isto é, a embelezar, a enriquecer, a brilhar, a endireitar este mundo esquecido de Deus – como a **menorá**, em constante oração de louvor e ação de graças.

Unidos ao Filho, voz perfeita do mundo inteiro, por Ele criado, tornemo-nos nós também uma prece incessante perante o trono de Deus.

José Fonzar é missionário claretiano — fonton@sercomtel.com.br



Caminhos de doação de vida

5.º domingo da Páscoa
28 de abril

INTRODUÇÃO

Conforme os ensinamentos de nosso Salvador, o dom de nós mesmos é o caminho que conduz ao Pai. Concretiza-se no serviço prestado aos irmãos.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 6,1-7

A Igreja era e é formada por homens. Por isso, sempre teve que se preocupar, na sua vida interna, com problemas de invejas, ciúmes, incompreensões entre pessoas de mentalidades e culturas diferentes.

Não se trata de uma coisa louvável, é claro, mas, em todo o caso, sempre é um fato “normal”. Ninguém se deve impressionar ou desanimar diante de situações desse tipo. Lembram-nos de que somos pecadores e que temos de nos converter sempre mais a Cristo. Aproximando-nos dele, criaremos unidade sempre maior também entre nós.

Outra atitude importante a meditarmos é que os apóstolos não reservavam para si toda a autoridade, não queriam assumir todo o trabalho, não aceitavam ser os únicos responsáveis por todas as tarefas.

Ao contrário, convocaram a comu-

nidade para que escolhessem pessoas a quem pudessem confiar as atividades assistenciais. Reservaram para si um só ministério, o mais importante: o anúncio da Palavra.

Aprendemos como é importante compartilhar as tarefas e acreditar na capacidade dos outros? Somos daqueles que querem fazer tudo sozinhos... com o risco de não cumprir bem nenhuma tarefa?

2.ª leitura 1Pd 2,4-9

Pedro acentua a idéia de que não devemos querer realizar tudo sozinhos na divulgação do reino de Deus, ao afirmar que cada um de nós é apenas pedra viva na construção desse novo templo.

Portanto, será pela união com os irmãos que o sacrifício espiritual será bem recebido pelo Senhor.

Inútil pensar que serão agradáveis a Deus nossas ofertas se estivermos separados dos irmãos pelo ódio, pela falta de perdão.

Será perda de tempo pensar que a edificação do reino de Deus depende de nós, sozinhos. O reino é dele, o Senhor. Portanto, depois que tivermos feito com amor tudo o que nos for possível, entreguemos a Deus os resultados e também os aparentes fracassos.

Vangloriarmo-nos e buscarmos aplausos pelo bem praticado não terão sentido, porque a obra não é nossa, é de todos. E, mais do que isso, o fundamento, a pedra angular sobre a qual tudo se baseia, é Cristo! Quem crê assim não será confundido, promete-nos Pedro (v.6).

Como é contraditório nosso proceder quando, em nome da construção do Reino (ação social, catequese, aulas, reuniões, ensaios de cânticos, etc., etc.), dispensamo-nos de rezar, sozinho ou com a comunidade, porque não temos tempo!

Esquecemo-nos de que, separa-

dos da videira, nós, seus ramos, não produziremos nada. A força do nosso “sal” e de nosso “fermento” vem e sempre virá do Senhor.

Evangelho Jo 14,1-12

Muitas são as pedras vivas na construção do Templo de Deus. Que casa será essa? Não é o paraíso, mas a comunidade cristã. É ali que há muitos lugares, isto é, muitos serviços a fazer, muitas funções a ser desempenhadas.

Devemos ser ativos e participar da comunidade ou da família em que a divina Providência nos colocou.

Jesus ensina que, no desempenho do próprio ministério, não pode haver motivos de inveja e de ciúmes: os “lugares”, isto é os serviços a serem prestados aos irmãos são múltiplos.

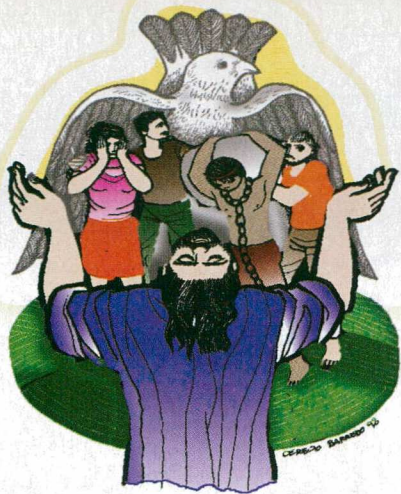
Na sociedade civil, o cargo é avaliado com base no poder, no prestígio social que confere, no dinheiro com o qual é remunerado. O lugar que Jesus prepara, ao contrário, é avaliado com outro critério: o do serviço. O melhor “lugar” é aquele onde se pode servir o irmão mais e melhor.

Na segunda parte deste evangelho, há um ensinamento precioso de Jesus. Para ver o Pai — diz ele — basta-nos contemplar o Cristo, observar o que ele faz, o que ele diz, o que ensina, como se comporta, como ama, a quem prefere, quem visita, a quem acaricia, por quem se deixa acariciar, com quem toma as refeições, a quem escolhe, a quem adverte, a quem defende.

Oxalá, parafraseando Jesus, pudéssemos afirmar: “Jesus está em mim. Minhas obras dão testemunho disso”.

REFLEXÃO

Desinstalamo-nos de nossa comodidade e esforçamo-nos para sermos membros ativos da comunidade? Provocamos elogios e agradecimentos, como se as boas obras viessem de nós?



Ao nosso lado, o Espírito da verdade

6º domingo da Páscoa
5 de maio

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo em nós significa serenidade, paz de coração, alegria e esperança. Longe de nós, portanto, a tristeza, o cansaço, o medo e o desânimo.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 8, 5-8.14-17

Naqueles dias — contam os Atos dos Apóstolos — os mesmos que tinham matado Jesus começaram a perseguir a comunidade de Jerusalém.

Seu alvo, porém, não eram os cristãos vindos do Judaísmo, pois estes continuavam freqüentando o Templo e não tinham abandonado as práticas da Lei. Seu ódio se voltava contra os cristãos vindos do paganismo (os helenistas), porque constituíam “perigo” para a estrutura religiosa judaica. Perseguidos, refugiavam-se, então, em outras cidades mais próximas, em casas de parentes, até poderem ir para o exterior.

E lá como se comportavam? Não perdiam a serenidade. Sabiam que a perseguição não era contra eles, mas contra Jesus Ressuscitado. Por isso, mantinham-se alegres e transmitiam aos parentes e amigos a Boa Nova de Cristo.

Foi dessa maneira que o Evangelho foi anunciado fora da Judéia, na Síria e em outras províncias do Império Romano. Quantas e quantas vezes, não entendemos o porquê do sofrimento e dos contratempos. Sabemos, pela fé, que são desígnios de Deus, mas não os podemos entender. Mas não percamos a serenidade e a alegria. Deus nos ama e sabe o que faz!

2.ª leitura 1ª Pd 3,15-18

Pedro escreve a esses cristãos perseguidos. Alguns deles tinham sido presos por serem cristãos, já não mais pelos judeus, mas pelos romanos. Eram julgados e interrogados. Na verdade sua sentença já estava lançada. Contra tal hipocrisia, o Apóstolo apresenta-lhes a maneira como devem ser dadas as respostas. Recomendava-lhes, contudo, que ao serem interrogados quer por pessoas privadas, quer por representantes do Estado, não deviam, por motivo algum, usar palavras ofensivas e duras ou serem polêmicos ou agressivos.

Somente com palavras suaves e mostrando um grande respeito e um grande amor é que poderiam criar disposições favoráveis, no coração daqueles que os agriam, a aceitarem a verdade.

E nós como agimos, quando nos agriem? Deixamo-nos levar pelo ódio também? Compreendemos que aquele irmão (esposo ou esposa, filho ou filha, parente, amigo ou amiga) precisa de um carinho e compreensão especiais porque está cego pela raiva?

Pedro nos lembra o exemplo de Cristo. Ele também sofreu por ter feito as coisas certas. Se aconteceu assim com ele, poderemos ficar surpresos que nos suceda a mesma coisa?

Evangelho Jo 14,15-21

Certa vez, os Apóstolos cercaram Jesus e lhe confessaram que tinham medo do sofrimento que os es-

perava. Ele lhes respondeu que deviam temer não aqueles que lhes poderiam matar o corpo, mas o que lhes poderia matar a alma (cf. Mt 10,28).

Agora, após a ressurreição, Jesus voltou a insistir com eles no mesmo ponto. O importante era observarem seus mandamentos para manterem a vida da alma e provarem que o amavam.

Jesus prometeu aos que o amassem (e a nós hoje) que seu Pai os amaria e lhes enviaria seu Santo Espírito.

Mas logo acrescentou que quem fosse do “mundo” não poderia acolher o Espírito. Por acaso, seriam os que não pertenciam ao grupo de seus discípulos? Ou os que não praticavam o Judaísmo? Ou ainda, quem não pensava como eles? Não era nada disso.

Não haverá alguma coisa do “mundo” em cada um de nós? Somos do mundo, quando acolhemos ódios, desejos de vingança, maus sentimentos. Em tal situação, o Espírito de Deus não pode entrar, porque ele só nos impulSIONA para comportamentos opostos: amar, ser generosos, servir aos irmãos.

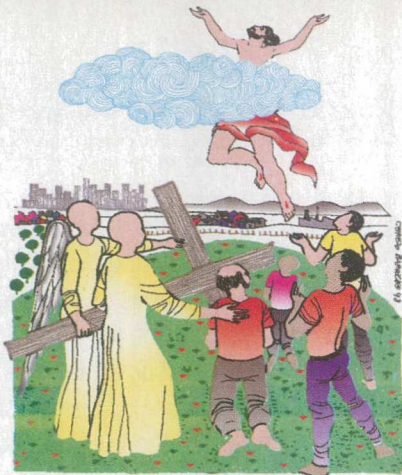
O Espírito da Verdade introduziu os discípulos naquelas muitas coisas que Jesus não tinha revelado explicitamente, porque não estavam em condições de entendê-las.

Daqui nasce a obrigação de permanecermos dispostos a seguir os impulsos do Espírito que nos conduz à descoberta de coisas sempre novas. Ele é, por natureza, aquele que renova a face da terra.

REFLEXÃO

Não alimentamos alguma coisa do “mundo”? Admitimos com simplicidade que ainda existem muitas fraquezas, muitas más inclinações que inibem a ação do Espírito Santo em nós? Poderemos considerar-nos abertos ao Espírito da Verdade se temos medo de tudo que é novo?





Todo o poder foi dado a Jesus

Ascensão do Senhor
12 de maio

INTRODUÇÃO

Afirmar que Jesus subiu ao céu é exatamente a mesma coisa do que afirmar: “ressuscitou”, foi glorificado, entrou na glória de Deus. Está sentado à direita de Deus, com todo o poder, como rezamos no “Creio em Deus Pai”, nas missas.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 1,1-11

Não nos admiremos, portanto de que haja divergência em relação ao momento da Ascensão de Jesus. Conforme lemos no capítulo 24 de Lucas, aconteceu no mesmo dia da Páscoa, enquanto segundo os *Atos dos Apóstolos*, sucedeu quarenta dias depois.

Na verdade, Lucas, ao descrever em seu evangelho a Ascensão do Senhor Jesus, não nos quis informar a respeito do lugar, do modo e do tempo exatos em que o Mestre tinha subido ao céu. Sua preocupação era outra. Queria responder a problemas e tirar dúvidas que surgiam em suas comunidades, em sua época.

Difundiou-se entre aqueles cristãos a convicção da volta imediata de Cristo. Alguns fanáticos, baseando-se em

supostas revelações, começaram a fixar a data. Lucas desfaz o equívoco: a ressurreição de Jesus tinha marcado, em verdade, o início do reino de Deus, mas não o término da história.

A construção do mundo novo tinha somente começado, exigiria muito tempo e muito empenho por parte dos discípulos.

Lucas introduz o tema com a pergunta, feita outrora pelos Apóstolos: *Senhor, é porventura agora que ides restaurar o reino de Israel?* A resposta de Jesus, mais do que aos Doze, era destinada aos membros das comunidades de Lucas.

Sua narração é página de teologia, não notícia de jornal. Ensina que Jesus atravessou por primeiro o “véu do templo”, que separava o mundo dos homens do de Deus e mostra que tudo que acontece na terra, sucessos e desventuras, injustiças, sofrimentos e até os fatos mais absurdos, como morte ignominiosa, não estão fora do projeto de Deus.

2.ª leitura Ef 1,17-23

A primeira leitura nos exorta a não nos descuidarmos dos deveres concretos do dia-a-dia. Pois Cristo está presente, entre nós, sempre, numa nova dimensão. Anda conosco e nos convida a ser testemunhas da ressurreição.

Mas o que significa isto? Quer dizer que não nos devemos esquecer de que a nossa vida não está limitada aos horizontes deste mundo. Nossa cabeça, Cristo, já está junto do Pai, e nós, seu corpo místico, também o acompanharemos. De certa maneira, já agora estamos também assentados com ele à direita de Deus.

Embora comprometidos com as atividades desta vida, devemos sentir-nos como estrangeiros à espera que Cristo nos venha buscar para ficarmos com ele para sempre.

Evangelho Mt 28,16-20

Conta-nos Mateus que os Apóstolos, ao verem Jesus, prostraram-se diante dele. Mas para alguns era um gesto sem convicção interior. Porque — sublinha o autor — duvidavam dele. Jesus sabia disso porque conhecia o que acontecia em seus corações. Eram seres humanos, portanto, fracos e pecadores. Por isso, dirige-se a todos os crentes e não-crentes, indistintamente: *Ide e ensinai a todas as nações.*

Como os Apóstolos, podemos ter convicção profunda da ressurreição de Cristo, mas não temos como verificá-la.


As dúvidas dos Apóstolos são para nós motivo de conforto. Cremos em Cristo, sim, mas constatamos também, dentro de nós, a presença de incertezas, de fraquezas. Esta realidade não nos deve conduzir ao desânimo: esta é a nossa condição humana, e Jesus veio para transformá-la, para trazer-lhe a redenção.

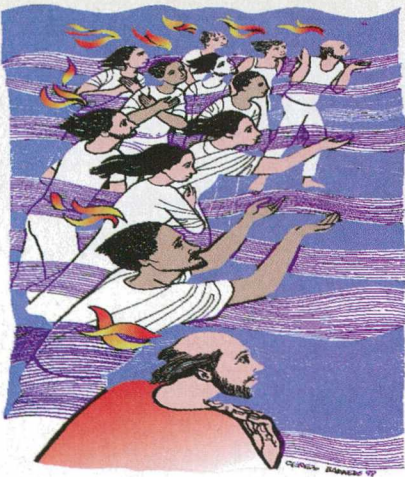
Outro ensinamento nos é oferecido pela atitude de Jesus: a conversão pela ação.

Não os manda chorar e ficar parados em seu arrependimento por terem duvidado do Mestre. Manda-os catequizar. Não por pouco de tempo, numa única região. Mas em todas as nações.

É a conversão pelo trabalho. Costuma-se dizer que quem ensina: aprende duas vezes. Quem tem de ensinar a doutrina de Cristo, experimenta-a duplamente. É impossível aprofundá-la sem se ser tocado primeiramente por ela. Cabe-nos aceitá-la com generosidade.

REFLEXÃO

Esforçamo-nos para praticar boas ações, acreditando na promessa de Cristo? Quais são nossos horizontes? Serão somente os materiais, e por isso brigamos e ofendemos nossos semelhantes? 



Lei do Espírito

Solenidade de Pentecostes

19 de maio

INTRODUÇÃO

Lei do Espírito é a do coração novo, é a vida de Deus que, quando entra em nós, transforma-nos e nos torna capazes de produzir espontaneamente suas obras.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura At 2.1-11

Por que Lucas registra a vinda do Espírito no dia de Pentecostes? A pergunta é justa, porque João, no Evangelho de hoje, diz-nos que Jesus comunicou o Espírito no mesmo instante em que entrou na glória do Pai, ou seja no mesmo dia da ressurreição (cf. Jo 20,22).

Ambos querem dizer a mesma coisa, usando uma linguagem diferente. O mistério pascal é único, portanto, Morte, Ressurreição, Ascensão de Jesus e a descida do Espírito Santo aconteceram ao mesmo tempo.

Os autores, porém, tiveram a idéia de decompô-lo e apresentá-lo em seus múltiplos aspectos. Assim, João colocou a efusão do Espírito no dia da Páscoa, para mostrar que o Espírito é dom do Ressuscitado. Lucas narra-o no dia de Pentecostes para nos ensinar que o Espírito havia substituído a antiga lei e que se transformara na nova lei para o cristão.

E onde encontraremos o texto dessa lei? No Evangelho. Lá compreenderemos a linguagem do amor, distintivo do Espírito Santo e que a todos une.

É o Espírito que transforma a humanidade numa única família onde todos se entendem e se amam. Quem está no Espírito tem o gosto da unidade, que não significa, porém, uniformidade!

2.ª leitura 1Cor 12,3b-7.12-13

O sinal da unidade foi-nos dado pelo fato de termos sido todos batizados num só Espírito. Este anula toda distinção racial ou social, pois todos os batizados cremos, mediante o mesmo Espírito, que Jesus é o Senhor.

A riqueza e a variedade dos dons consolidam a unidade, pois, são concedidos para a utilidade de todos, para a edificação da Igreja.

O sinal manifestativo da presença do Espírito em nós é o perdão. Ao perdoarmos, esvaziamos-nos de nosso eu vingativo, rancoroso e segregador. Enchemo-nos de amor e de sentimentos de união. Os dons que Deus nos confiou são colocados em comum para o bem de todos.

Em Corinto, os que tinham qualidades (inteligência, fortaleza, saúde, estudos), ao invés de colocarem seus dons a serviço dos irmãos, julgavam-se com direitos a privilégios, queriam ocupar os primeiros lugares, etc., etc., como se fossem donos de seus talentos.

Somos como os membros de um corpo que exercem sua função em benefício do organismo todo. Devemos servir aos outros, mediante a humilde prestação de serviço à comunidade, consciente de que nosso gesto, por mais humilde que seja, tem repercussões infinitas dentro do Corpo Místico de Cristo.

Evangelho Jo 20,19-23

Osopro de Jesus sobre seus discípulos simboliza o Espírito, princí-

pio da nova criação. Conforme nos explica o Apóstolo Paulo, em sua 1.ª Carta aos Coríntios: *O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente* (cf. 1Cor 15,42-50); o segundo Adão — Jesus — é espírito vivificante, título que conquistou após sua ressurreição.

O dom do Espírito aos apóstolos está ligado à missão. *Como o Pai me enviou também eu vos envio*. Ora, para que o Pai o tinha feito armar sua tenda entre nós? — Para nos salvar.

Nossa missão não será diferente. Por isso, Jesus sopra de novo sobre os Apóstolos. Para significar a interiorização do mundo novo, indispensável para quem var criar as condições para que o Espírito entre no coração de cada homem.

As palavras de Jesus são, portanto, chamada à responsabilidade. Cada um de nós deve estar consciente de que os pecados não serão perdoados se não nos comprometermos a criar condições para que cada ser humano abra o seu coração à ação do Espírito de Jesus Ressuscitado!

Jesus não dá uma palavra sobre o medo que os discípulos estavam sentindo dos judeus. Positivamente, por duas vezes, aponta-lhes o caminho: *A paz esteja convosco*. Em outra parte do Evangelho, Jesus foi mais explícito: *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize* (Jo14,27). Nossa força é a Lei do Espírito.

REFLEXÃO

Respeitamos as opiniões diferentes da nossa? Damos atenção a quem as profere? Nosso tratamento com as pessoas é igual? Compreendemos, em nosso cotidiano, que o Espírito Santo age em silêncio, devagar, mas produz frutos em abundância?



Leituras litúrgicas das Missas — abril



OITAVA DA PÁSCOA

1.º segunda: At 2,14.22-33 = Pedro: Jesus, que matastes, Deus o ressuscitou! Sl 15. Mt 28,8-15 = Aparição às mulheres.

2 - terça: At 2,36-41 = Pedro: Jesus, que crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Messias. Sl 32. Jo 20,11-18 = Aparição a Maria Madalena.

3 - quarta: At 3,1-10 = Pedro a um coxo: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! Sl 104. Lc 24,13-35 = A caminho de Emaús.

4 - quinta: At 3,11-26 = Pedro: matastes o autor da vida, mas Deus o ressuscitou. Sl 8. Lc 24,35-48 = Aparição aos Onze.

5 - sexta: At 4,1-12 = Pedro: Jesus, pedra por vós desprezada, tornou-se pedra angular. Sl 117,1-2 e 4.22-24. 25-27a. Jo 21,1-14 = Aparição aos discípulos, na Galiléia.

6 - sábado: At 4,13-21 = Pedro e João: não podemos deixar de falar! Sl 117,1 e 14-15. 16ab-18. 19-21. Mc 16,9-15 = Jesus ressuscitado envia os Onze em missão.



2.ª SEMANA DA PÁSCOA

8 - segunda: *Anunciação do Senhor.* Is 7,10-14; 8,10 = "Eis que a Virgem conceberá". Sl 39. Hb 10,4-10 = "Eis-me aqui para

fazer, ó Deus, a tua vontade". Lc 1,26-38 = "Eis que conceberás e darás à luz um filho".

9 - terça: At 4,32-37 = Com coragem davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus. Sl 92. Jo 3,7b-15 = Jesus a Nicodemos: dizemos o que sabemos.

10 - quarta: At 5,17-26 = Segunda prisão e libertação dos Apóstolos. Sl 33,2-3. 4-5. 6-7. 8-9. Jo 3,16-21 = Jesus a Nicodemos: Deus entregou ao mundo o seu Filho único!

11 - quinta: At 5,27-33 = Pedro e os Apóstolos: Deus ressuscitou Jesus, que vós matastes. Sl 33,2 e 9. 17-18. 19-20. Jo 3,31-36 = Quem crê no Filho tem vida eterna.

12 - sexta: At 5,34-42 = Contentes de sofrer afrontas pelo nome de Jesus! Sl 26. Jo 6,1-15 = Multiplicação dos pães: este é verdadeiramente o profeta.

13 - sábado: At 6,1-7 = Eleição dos primeiros diáconos. Sl 32. Jo 6,16-21 = Jesus anda em cima da água.



5.ª SEMANA DA PÁSCOA

29 - segunda: At 14,5-18 = Converti-vos ao Deus vivo, que fez o céu, a terra e o mar. Sl 113. Jo 14,21-26 = O Espírito Santo vos ensinará tudo.



3.ª SEMANA DA PÁSCOA

15 - segunda: At 6,8-15 = Prisão de Estêvão, testemunha de Jesus de Nazaré. Sl 118. Jo 6,22-29 = O alimento eterno con-

siste em crer naquele que Deus enviou.

16 - terça: At 7,51 — 8,1a = Martírio de Estêvão: viu Jesus de pé à direita de Deus. Sl 30. Jo 6,30-35 = O pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo.

17 - quarta: At 8,1b-8 = Dispersão da comunidade e pregação do Evangelho. Sl 65. Jo 6,35-40 = Quem crê no Filho terá a vida eterna, e eu o ressuscitarei.

18 - quinta: At 8,26-40 = Filipe evangelizou, converteu e batizou o ministro etíope. Sl 65. Jo 6,44-51 = Quem crê tem a vida eterna.

19 - sexta: At 9,1-20 = Conversão e batismo de Saulo. Sl 116. Jo 6,52-59 = Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, ressuscitará.

20 - sábado: At 9,31-42 = Pela assistência do Espírito Santo e pelos milagres, muitos se convertiam. Sl 115. Jo 6,60-69 = Senhor, nós cremos e sabemos que tu és o consagrado de Deus.



4.ª SEMANA DA PÁSCOA

22 - segunda: At 11,1-18 = Também os pagãos são chamados à salvação. Sl 41. Jo 10,11-18 = Eu sou o bom Pastor; as

ovelhas que são minhas me conhecem.

23 - terça: At 11,19-26 = Fundação da Igreja de Antioquia. Sl 86. Jo 10, 22-30 = Eu e o Pai somos um.

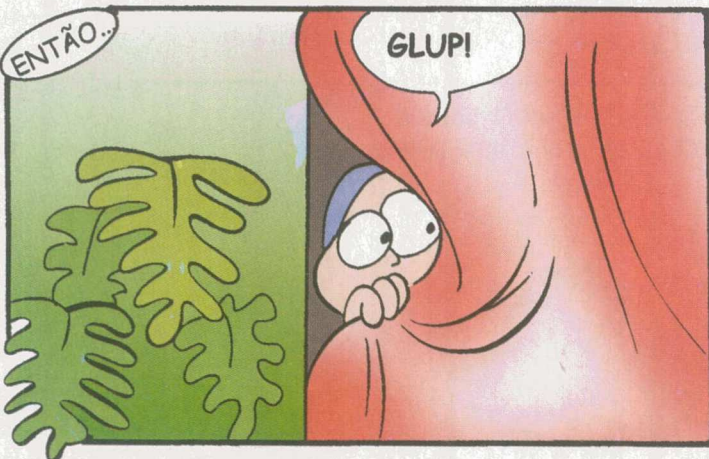
24 - quarta: At 12,24 — 13,5a = A palavra de Deus crescia e se espalhava. Sl 66. João 12,44-50 = Vim como luz do mundo.

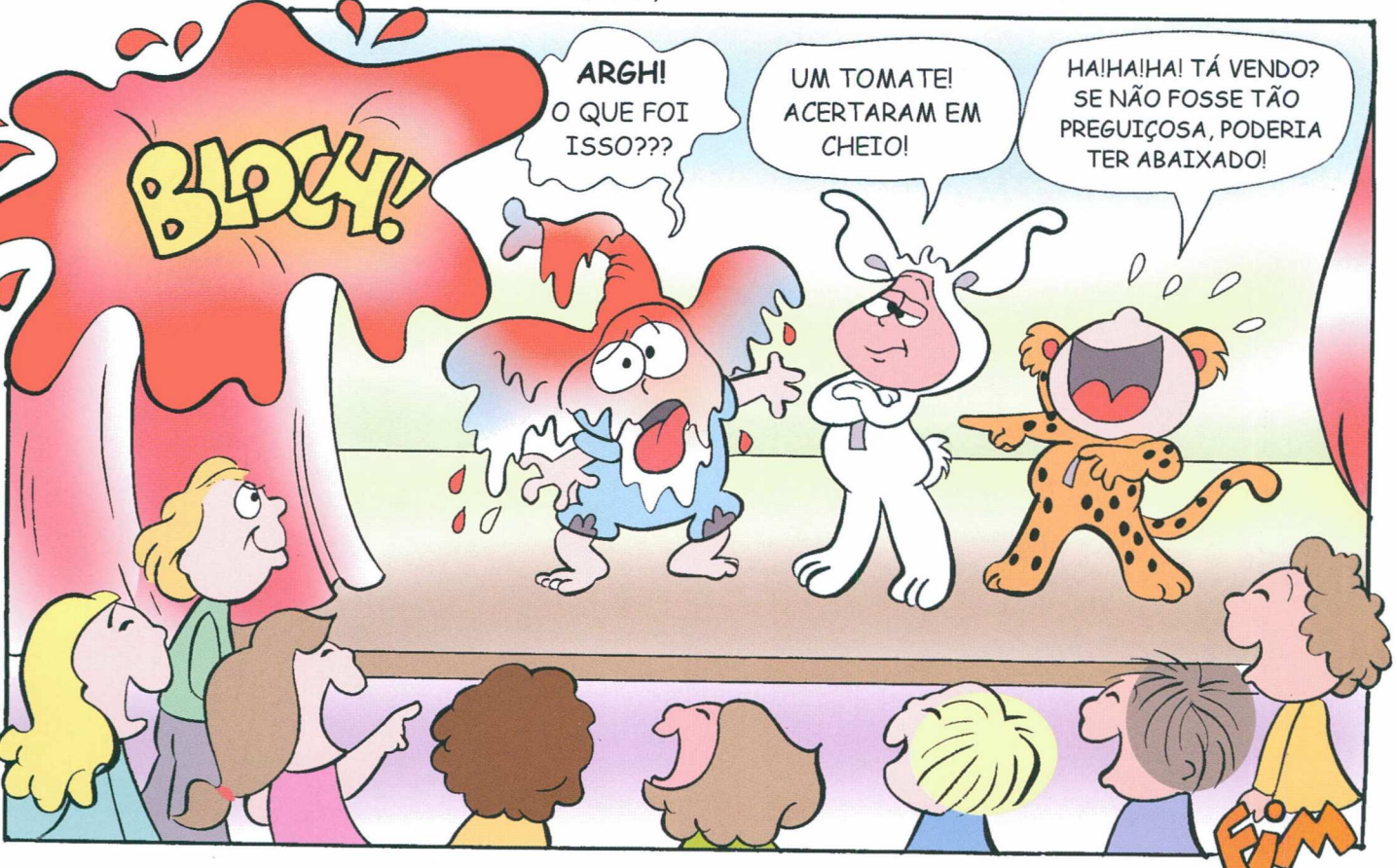
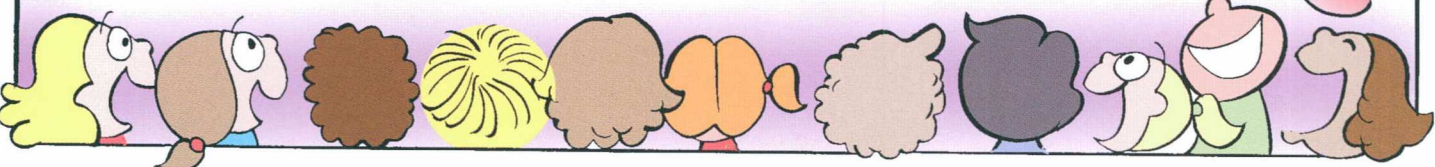
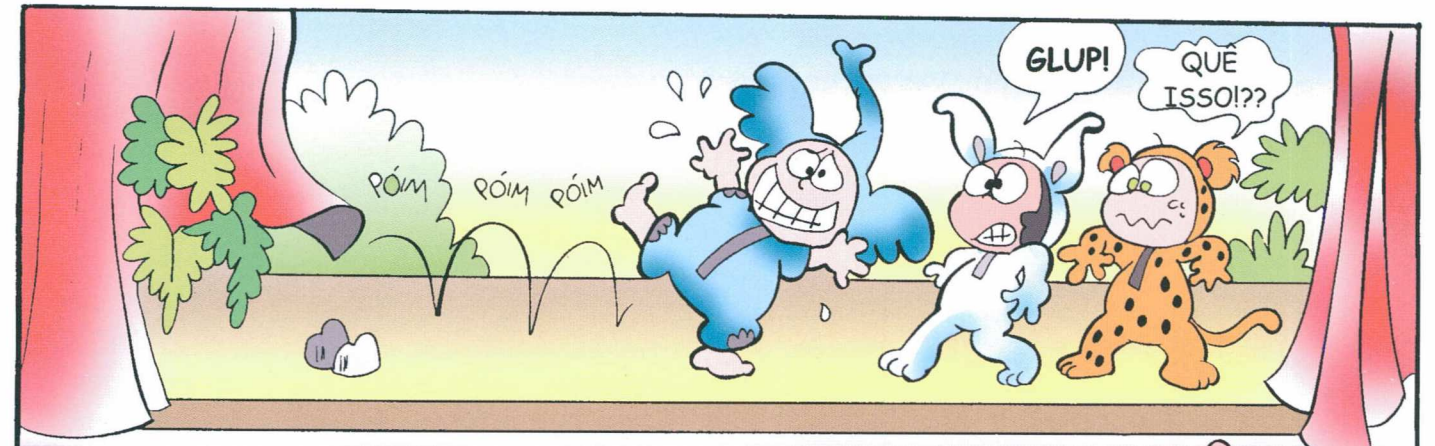
25 - quinta: *Marcos Evangelista.* 1Pd 5,5b-14 = Saudavos Marcos, meu filho. Sl 88. Mc 16,15-20 = Proclamai o Evangelho.

26 - sexta: At 13,26-33 = Crucificaram o Salvador Jesus, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Sl 2. Jo 14,1-6 = Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

27 - sábado: At 13,44-52 = Eu te designei para lebares a salvação até os confins da terra. Sl 97. Jo 14,7-14 = Quem me vê, vê o Pai; estou no Pai, e o Pai em mim.







FIM

revista AVE MARIA

**PRIMEIRA REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL**

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria. É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para **0800-55-5021** ou **(0 -- 11) 3666-2128**.

Ave
MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

CORREIOS
Impresso especial
5406/01 DR/SPM
Ave Maria

**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021
(grátis)

A partir do dia 1º de dezembro o preço anual da assinatura da revista Ave Maria passou a ser

R\$ 25,00 (12 edições)

Novo endereço da Revista Ave Maria
na internet

www.avemariainternet.com.br

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.